



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA**  
**CURSO DE TEATRO LICENCIATURA**

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS - HISTÓRIAS COM O VENTO, VOZES, OUTRAS  
VOZES, OUTRAS MÃES ESPALHADOS PELOS QUATRO CANTOS DA TERRA.**

**MACEIÓ-AL**

**2023**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO LICENCIATURA

Elisabete Miranda Soares

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS - AS HISTÓRIAS COM O VENTO, VOZES, OUTRAS  
VOZES, OUTRAS MÃES ESPALHADOS PELOS QUATRO CANTOS DA TERRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito para obtenção do grau no  
Curso de Teatro Licenciatura da Universidade  
Federal de Alagoas.

Orientador: Prof. Dr. Ivanildo Lubarino Piccoli  
dos Santos.

MACEIÓ-AL

2023

**Catálogo na Fonte**

**Universidade Federal de Alagoas  
Biblioteca Setorial do Espaço Cultural  
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário Responsável: Valdir Batista Pinto – CRB / 4 – 1588

S676c Soares, Elisabete Miranda.

Contação de histórias - as histórias com o vento, vozes,  
outras vozes, outras mães espalhados pelos quatro cantos da  
terra. / Elisabete Miranda Soares. – 2023.

84 f.:il.

Orientador: Ivanildo Lubarino Piccoli dos Santos.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de  
Licenciatura em Teatro) – Universidade Federal de Alagoas.  
Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes. Maceió.

Bibliografia: f. 67-68.

1. Peças Didáticas . 2. Teatro educação. 3. Contação de  
histórias. . I. Título

CDU- 792.28

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças para chegar aqui. Ao meu esposo Zé Maravilha que me incentivou a voltar para faculdade e fazer o que eu sempre amei que é o Teatro. Aos meus pais seu José Miranda e dona Valdeci Honório que me deram apoio sempre e inclusive ficando com meus filhos para eu voltar a estudar e meus inspiradores da arte de contar histórias com suas histórias de vida. Aos meus filhos, Beatriz, Pérola, Luiz e Eliz que por eles busco forças que as vezes nem tenho (risos). a minha primeira professora de teatro Cecília Pellegrine quando eu ainda era adolescente na Fundação Bradesco. Ao meu diretor e amigo Marco Antonio Campos que me deu a primeira oportunidade de ser contadora de histórias e me descobrir como uma. Ao Delberto Santana que compartilhou suas técnicas para me transformar contadora de histórias consciente. Ao meu amigo, irmão e contador de histórias Pierre Pellegrine que juntos damos vida ao imaginário de personagens. Aos meus colegas de curso em especial minhas duas companheiras e amigas Roberta Brito que debatíamos sempre sobre os nossos TCC e vivências profissionais, pessoais e espirituais e a Jane que me acalmava com suas risadas e conversas engraçadas. A minha terapeuta Fabiane que está me ajudando a desembaraçar os fios da minha mente e enfrentar meus obstáculos. A todos os professores (as) e amigos da Ufal que compartilharam seus conhecimentos comigo. Agradeço em especial ao professor Gianini que sem nem me conhecer ajudou a fazer a minha inscrição na aula inaugural, enquanto eu ainda estava internada. E finalmente ao meu orientador Piccoli que teve muita paciência comigo, me motivando desde o começo da nossa trajetória do TCC ouviu as mais diversas histórias que lhe contei com o coração e os ouvidos atentos e afetuosos. E a eles, os Encantados que me permitiram contar sobre o seu mundo mágico e manter acesa a chama das histórias.

## RESUMO

Estudar, pesquisar e relacionar historicamente a história dos contadores de histórias, na narrativa através dos tempos. Conhecer as diferenças e semelhanças dos contadores tradicionais e dos contadores contemporâneos, conhecendo através de espetáculos de contadores de histórias utilizando tanto as técnicas tradicionais como as técnicas dos contadores contemporâneos. Introduzir no estudo sobre a arte de fazer teatro aliada a arte de contar histórias nos espaços educacionais formais e informais, objetivando também mostrar as semelhanças e diferenças dessas duas artes, bem como fazer com que elas sirvam de meio para resgatar principalmente a cultura alagoana em seu âmbito e elevar a autoestima do seu povo. Fazer com que a criança e o jovem conheçam a identidade do seu povo através do teatro e do ato de contar de histórias, sensibilizando para o estudo da cultura popular. Utilizar o ator contador de história como ferramenta para melhoria da qualidade da educação reforçando a qualidade de vida e as relações humanas. Essa pesquisa também tem o intuito de estudar e esclarecer as diversas tonalidades entre as semelhanças e diferenças de um ator e de um contador de histórias. E definir, através dos pontos de interseção, o papel do ator contador de histórias, tratando esse profissional como uma forma de enriquecer a educação atual.

**Palavras-chave:** Cultura Popular. Contação de Histórias. Narradores. Educação. Oralidade.

## **ABSTRACT**

**Study, research and historically relate the history of storytellers, in the narrative through time. Know the differences and similarities between traditional storytellers and contemporary storytellers, learning through storyteller shows using both traditional techniques and the techniques of contemporary storytellers. Introduce into the study of the art of theater combined with the art of telling stories in formal and informal educational spaces, also aiming to show the similarities and differences of these two arts, as well as making them serve as a means to mainly rescue Alagoas culture in its scope and raise the self-esteem of its people. Make children and young people aware of the identity of their people through theater and storytelling, raising awareness of the study of popular culture. Using the storyteller actor as a tool to improve the quality of education, reinforcing the quality of life and human relationships. This research also aims to study and clarify the different shades between the similarities and differences between an actor and a storyteller. And define, through points of intersection, the role of the storyteller actor, treating this professional as a way of enriching current education.**

**Keywords:** Popular culture. Storytelling. Narrators. Education. Orality.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO (UM CHEIRO DE LEMBRANÇA)</b>	01
<b>Capítulo 1. A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS PARA AS RELAÇÕES DE AFETO NA HUMANIDADE</b>	17
1.1 MEUS OLHOS INTERNOS QUE SALTAM PARA O EXTERNO - RELATO PESSOAL SOBRE O CONTO POPULAR DO COMPADRE POBRE E COMPADRE RICO E A PEDRA CRISTALINA	18
<b>Capítulo 2. ORIGEM/HISTÓRIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO MUNDO</b>	21
2.1 AS HISTÓRIAS NO BRASIL	23
2.2 - OS POVOS GREGOS E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	24
2.3 – POVOS ORIGINÁRIOS (AFRICANOS E INDIGENAS NO BRASIL DA AMAZONIA)	25
<b>Capítulo 3. A ESTÉTICA NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS MOMENTO HISTÓRICO</b>	26
3.1 A ESTÉTICA NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA ATUAL	27
3.2 A LUDICIDADE É ELEMENTO FUNDAMENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS	30
3.3 POR QUE A LITERATURA JUVENIL É IMPORTANTE PARA O SER?	32
3.4 ORALIDADES, CONSTRUÇÃO E MEMÓRIA	35
3.5 A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE PARA O JOVEM E PARA O IDOSOS	37
3.6 CURTA METRAGEM – CONTOS E LENDAS - COM OU SEM MÁSCARA O CONTO SE FALA	39
<b>Capítulo 4 HISTÓRIA ORAL: POR QUÊ? COM QUEM? PARA QUE?</b>	42
4.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA EM ALAGOAS	47
4.2 COMO SURGE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS - ENTRE PINOS, BOLICHES E MÁGICOS	48
<b>CONCLUSÃO</b>	54
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	58
<b>APENDICE</b>	60
1 - PROJETO CARROÇA DAS HISTÓRIAS	62
2 - GUERREIRO AMADO	62
3 - COMPADRE POBRE E COMPADRE RICO – A HISTÓRIA DA PEDRA CRISTALINA	68
4- A CASA MAL-ASSOMBRADA – CONTO	71
5- BEBEDOURO DE MUITAS HISTÓRIAS	74

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Contação de histórias no Sesc Teotônio Vilela/A16L para alunos do EJA Ano: 2007 (acervo pessoal)	10
Figura 2: Flora participando do Pluralidades Cênicas na Sala Preta-Ufal, fevereiro de 2020. Fotos Roberta Brito (acervo pessoal)	13
Figura 3: Flora e Alecrim participando do Pluralidades Cênicas na Sala Preta-Ufal, fevereiro de 2020 Fotos Roberta Brito (acervo pessoal)	13
Figura 4: Festa infantil, fevereiro de 2023, Fotografo: Renner Boldrino (acervo pessoal)	29
Figura 5: Bonecos de Flora e Alecrim, criação da artista plástica Bete Krisan Fotografia Pierre Pellegrine (acervo pessoal)	31
Figura 6: Flora e Alecrim em desenho (acervo pessoal)	31
Figura 7: Ministrando oficina em São José da Tapera para professores multiplicadores (acervo pessoal)	32
Figura 8: Ministrando oficina de contação de histórias para professoras da rede municipal da cidade de Pilar/AL, novembro de 2019 (acervo pessoal)	33
Figura 9: Feira literária da Livraria Leitura no Parque Shopping (acervo pessoal)	34
Figura 10: Antiga Livraria Viva em Maceió ano 2016 (acervo pessoal)	35
Figura 11: Minha primeira experiência	49
Figura 12: Participação em eventos (histórias sobre meio ambiente (acervo pessoal)	50
Figura 13: Contação de histórias- escola infantil Pingo de gente (acervo pessoal)	50
Figura 14: Feira de Livro do Sesc 2003 (acervo pessoal)	51
Figura 15: Feira de Livro do Sesc 2003 (acervo pessoal)	51
Figura 16: Feira de Livro do Sesc 2003 (acervo pessoal)	52
Figura 17: Flora e Alecrim no shopping cidade – 1998 (acervo pessoal)	52
Figura 18: espetáculo: as histórias do macaco Tico e Dona Onça – 2017	52
Figura 19: Flora e Alecrim- Teatro 7 de setembro Penedo/AL 2005	53
Figura 20:Flora e Alecrim Teatro 7 de Setembro – Penedo/AL	53
Figura 21: Festa do Dia das Crianças da vila dos pescadores - praia do sobral (acervo pessoal)	55
Figura 22: Bienal internacional do livro de Alagoas. ano: 2019 (acervo pessoal)	55
Figura 23: Banner de divulgação da Flipenedo - ano: maio de 2023 Fotografo: Renner Boldrino	56
Figura 24: II Flipenedo - Festival Literário da cidade histórica de Penedo/AL maio de 2023 (acervo pessoal)	56
Figura 25: Oficina de contação de histórias para atores no CEPEC/AL Março de 2023 Fotografo: Romeo produções	57
Figura 26: Oficina de contação de histórias para atores no CEPEC/AL Março de 2023 Fotografo: Romeo produções	57

## INTRODUÇÃO

*“A característica essencial do homem é sua imaginação criativa. É esta que o capacita a dominar seu meio de modo tal que ele supera as limitações de seu cérebro, de seu corpo e do universo material. É este **algo mais** que o distingue dos primatas superiores.”*

*(Courtney, R., 2000)*

## UM CHEIRO DE LEMBRANÇA

Era uma vez há muito tempo atrás... Frase que ouvi por muito tempo e que também repeti por muitas mais vezes ainda, sim esse é um Trabalho de Conclusão de Curso sim e começo com a minha história de vida como atriz e como as histórias me atravessam ou mais especificamente de quando minha consciência compreendeu que elas, as histórias, sempre estiveram comigo.

Essa pesquisa surgiu primeiramente da experiência na área teatral e em seguida da arte de contar histórias que iniciou na década de 90 no estado de Alagoas, na cidade de Maceió, e nesse período que não havia tantas fontes de informação nesse campo artístico como temos hoje. Foi um período que aprendi muita coisa brincando, experimentando, descobrindo, testando, acertando e errando.

Em seguida participei como aluna de algumas oficinas na área da contação de história como é o caso de Bia Bedran/RJ, Grupo Teatral Etc. e Tal/RJ, oficinas ministradas por outros artistas através do Sesc Alagoas. A partir desses encontros senti-me motivada a pesquisar mais sobre a arte da narrativa.

As descobertas de livros como o do folclorista Câmara Cascudo e Sílvio Romero, como por exemplo, o livro: “Contos Tradicionais do Brasil”, uma coletânea de vários contos brasileiros colhidos e pesquisados por todo o Brasil da narrativa oral popular e que me trouxe um repertório de histórias e possibilidades que passei a experimentar.

Com o passar do tempo descobri que esse amor pela contação de histórias adquiri de minhas raízes, ou seja, do campo da afetividade, e da cultura popular vivida por minha família, no caso falo de minha mãe que contava histórias para os filhos e nos divertíamos muito com isso, e conseqüentemente venho descobrindo que minha avó e bisavó também eram mulheres contadoras de histórias.

Então vamos lá...

Nasci em Garanhuns<sup>1</sup>, mas as famílias de meus pais moravam em duas cidades vizinhas: São João e Angelim, municípios de Pernambuco. Era na verdade para eu ter nascido em São João que era a cidade que eles escolheram morar quando se casaram, mas como era uma cidade muito pequena não tinha maternidade e todos os nascidos tinham que ir para Garanhuns.

Nasci e com sete meses de vida a minha família mudou-se para São Paulo, como as maiorias das famílias nordestinas fazem, vão para a capital paulista em busca de uma vida melhor.

Lembro-me de São Paulo do céu cinza, da chuva, de pedrinhas de gelo e nós crianças ficávamos dentro de casa olhando pela janela as pedrinhas de gelo cair... Era mágico ver gelo cair do céu.

Havia dias de muitos balões no céu, aqueles balões grandes e coloridos, nós víamos sempre, era muito bonito, depois quando fiquei adulta e descobri que era perigoso é como se quebrassem até um pouco da magia da infância, como algo tão colorido e bonito, pode fazer tanto mal para a natureza.

E nas festas juninas esses grandes balões aumentavam a quantidade víamos mais ainda e era encantador. Sobre as comidas típicas em São Paulo nas festas juninas lembro-me do quentão, uma bebida típica dessas festas, que me lembro de terem me dado ainda criança e que eu não tinha gostado.

A vida paulista era uma vida bem urbana, mas como todas as crianças de lá a gente ficava muito preso em casa, então assistir televisão era uma das coisas que fazíamos.

Minha mãe gostava muito de chá e tinha um terreno baldio lá perto da nossa casa que tinha erva doce, lembro que ela pedia para eu pegar lá e tomávamos chá da tarde, tão “Alice no país das maravilhas” e esse era um dos momentos que ela contava algumas histórias.

Divertíamos muito e as nossas brincadeiras eram no quintal, brincadeiras de correr, banho de tanque, de mangueira, com cachorro, com as plantas, corre-corre, esconde-esconde, cirandas, boneca, carrinho bola e de imaginar, imaginar coisas, imaginar outros lugares, que éramos outras pessoas. Ali já exercitávamos os primeiros passos como atores e dos contadores de histórias e nem sabíamos.

---

<sup>1</sup> Palavra indígena que se refere a guirá-nhum, os pássaros pretos, nome de uma tribo existente no local

Meu pai é pedreiro e a maioria das casas que moramos foi ele quem arquitetou, planejou e construiu; Tenho minhas primeiras lembranças de uma casa em construção, ainda em São Paulo e nós crianças, o ajudávamos muito na construção, pegando tijolos, enchendo baldes de areia, sei que não eram brincadeiras, mas a gente fazia castelos de areia açudes, a gente se divertia e às vezes meu pai dava até dinheiro para nós comprarmos doces ou confeitos como ainda é chamado no interior do nordeste.

Meu pai amava Roberto Carlos e todos os domingos nós ouvíamos todos os discos de vinil que ele tinha, era como se fosse um domingo de festa a maioria das vezes com macarronada, refrigerante Guaraná, galinha cozida, goiabada e suco Maguary, marca famosa da época.

Às vezes ele colocava discos ou fitas cassetes com cantores como: Luiz Gonzaga, Maria Betânia, Roberto Carlos, Elis Regina e tantos outros. Um dia eu ouvi pela primeira vez num desses domingos a música de Ivone Lara, “Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho...”, senti uma emoção tão grande ao ouvir e gostei muito e passei a cantar o refrão várias vezes. E quando um dia nossa família voltou de São Paulo para o Nordeste, eu gostava de ouvir aquela música, que também é uma história, como se eu fosse, e como se a minha terra fosse São Paulo, o que só compreendi na minha adolescência como foi importante para o meu crescimento ter voltado para a minha terra de origem e valorizar as minhas raízes.

Naquela época tínhamos a nossa vizinha a Maria que era uma mineira e morava numa casa a baixa da nossa que meu pai tinha construído para alugar e com o passar do tempo, ela ficou amiga da família. Éramos três filhos: meu irmão, mais velho, eu e minha irmã mais nova. Diferença de quatro anos para cada filho.

A minha mãe trabalhava em São Paulo como diarista e serviços gerais e quando ela saía para trabalhar nos deixava em casa e a nossa vizinha a Maria que ia lá ver como estávamos e levar pão de queijo mineiro com café com leite para gente, que nós amávamos muito. Ela fazia uns pães de queijos maiores, um pouco mais emborrachado, deve ter um nome específico que não sei, mas esse pão saía quentinho do fogo e comíamos tão felizes porque era uma comida diferente e ainda ouvíamos o sotaque dela mineiro mansinho e carinhoso com a gente.

Quando nossa mãe estava em casa ela amava contar histórias para nós, seus filhos... Histórias da família dela, histórias de uma casa mal-assombrada que ela morou com os irmãos e sua mãe, contos que ela ouvia da sua avó, histórias do meu avô; A minha mãe, dona Valdeci, sempre conta histórias de pessoas, de lugares, de familiares,

do dia a dia. Ela é a minha contadora de histórias preferida. Quando criança e até mesmo adolescente eu pedia o tempo todo para ela repetir as histórias que eu mais gostava de ouvir da boca dela, até hoje ela conta as mesmas histórias e não me canso de ouvir. Dona Valdeci, além de histórias, ela bordava, costurava, aliás, ainda hoje ela continua bordando e costurando, mas como ela mesma diz, ela só não corta as roupas, mas se entregar cortada ela costura tudo.

Mesmo sendo pobres éramos muito felizes e íamos para a casa de minha tia Salomé no interior de São Paulo chamado Osasco... Lembro no caminho, atravessando a cidade encontrar com um homem que andava pelos ônibus e vivia pelo centro de São Paulo, ele tinha um rabo de cavalo, preso no seu corpo, não lembro se tinha pés de cavalo, mas a minha memória dirá que sim, a minha mãe dizia que aquele homem bateu na mãe e por isso nasceu um rabo nele, todas as crianças tinham medo. Um dia pesquisei na Internet e achei relatos desse homem de rabo de cavalo.<sup>2</sup> Além dessa memória desse ser homem encantado, quando pagávamos os ônibus lembro-me de um dia um ônibus com vários homens negros com cabelos Black Power eu fiquei hipnotizada porque só via pela televisão e achei tão bonito, eram uns cinco juntos sentados no fundo do ônibus, os passeios de ônibus eram fontes de imaginação e encantamento.

Quando chegávamos à casa de minha tia Salomé que também era pernambucana e casada com o tio João, um português, cara meio ranzinza, que tinha uma quitanda cheia de doces que amávamos e comíamos muito escondido. Era uma grande chácara no meio da cidade e ali éramos livres, porque tinha espaço para andarmos por lá sem preocupação, tinha um balanço feito por ele que ia às alturas, tinha motoca (velocípede) para correr por lá o dia inteiro entre as plantas e a natureza.

Enfim, minha vida se dividia entre a casa de meus pais e da tia Salomé, eu minhas primas Jacy, e Jaciara e meu irmão Hércules brincávamos muito por lá de balanço, com cachorros, correndo soltos pelos espaços e comíamos muitas frutas, pois tinha muitas árvores como: caqui, limão, laranja, pêssigo, café, bananeiras.

Lembro que tinha um forno a lenha, feito separadamente da casa onde ele, o meu tio fazia pão português, um para cada criança e depois entregava para gente, era meio duro, mas era gostoso, lá também torrava café que ele colhia da chácara o cheiro

---

<sup>2</sup> Uma matéria sobre ele

<https://saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/1633/O%2BHomem%2BCavalo%2Bda%2BLapa>

de café torrando imunda qualquer ambiente e é inesquecível. Tinha sopa muito apimentada da cultura portuguesa. Depois que cresci entendi que os azulejos azuis tinham características portuguesas também e eu lembro até hoje das cores, pelo meu olhar de criança.

Mas um dia quando eu tinha quase seis anos de idade fomos morar em Pernambuco, chegando lá eu no primeiro momento que fomos morar na casa da minha avó Quitéria, viúva do meu avô João por parte de pai os dois, essa parte da família é mais religiosa tanto meu pai quanto a minha avó nos ensinaram várias orações, a que eu recordo da minha avó era: “... nesse vale de lágrimas gemendo e chorando...” eu ficava rezando com ela e imaginando esse lugar descrito na reza. Ela tinha um oratório lindo cheia de miniaturas que a gente ficava olhando o tempo todo e querendo brincar com aqueles santos e objetos que ficavam lá dentro, mas era tudo fechado na chave, então só olhávamos mesmo. Na porta da cidade de minha avó passava as boiadas, os homens que vinham dos sítios em seus cavalos, guiando as boiadas. Eu me lembro do cheiro do cocô de boi e cavalo e eu gosto até hoje desse cheiro, lembra minha avó e na época a cidade tinha um cheiro de fumaça como se fosse cheiro de castanha, não sei explicar, mas é um cheiro de lembrança. Lembranças de casas coloridas e com janelas e portas de dois lados aberta, calçadas altas, paralelepípedo...

Meu pai fala que o meu avô João era um homem muito bom, de uma pureza imensa, meu pai sempre relembra que ele colhia os milhos da roça e saía entregando para quem ele encontrava no caminho, até chegar à casa, às vezes ele não voltava com nada ou quase nada e isso era motivo de briga com a minha avó. Ele tinha uma espiritualidade muito forte e quando estava perto de morrer meu pai morava em São Paulo, aí ele disse para meu pai “Filho quando você voltar da próxima vez eu não estarei mais aqui”. Meu pai não acreditou, mas quando ele estava numa obra na parte de cima do prédio em São Paulo alguém chamou por ele, de baixo e ele disse que na mesma hora sentiu que o pai dele havia morrido. Meu pai então foi para Pernambuco e passou a cuidar da minha avó.

Meu pai gostava de levar para ela, e só para ela, uns biscoitos sortidos, que vinham numa caixa com esse mesmo nome “Sortidos”, a gente amava comer esse biscoito quando ela nos dava, ela era muito velhinha e eu ficava esperando-a nos dar os biscoitos. Ah ela fazia uma carne assada, que tanto o sabor como o cheiro são inesquecíveis, já tentei até acertar esse ponto do assado da carne, mas não fica igual, só parecida.

Nessa época ainda em São João me lembro de uma procissão que estava acompanhando Frei Damião e que passou bem na rua em que minha vó morava, a rua ficou cheia de gente, as pessoas andavam e diziam que ele parecia mágico, um ser encantado porque todo mundo corria atrás dele mais nunca o alcançavam, assim eram o que diziam “a gente corre tanto atrás dele, mas nunca conseguimos chegar nem perto”, nessa época eu tinha entre 6 ou 7 anos e achava lindo também as músicas cantadas, “...Segura na mão de Deus e vai, não temas segue adiante e não olhe para trás...”.

Mas voltando a nossa saída de São Paulo para Pernambuco, como falei no começo ficamos morando da casa da minha avó Quitéria, esperando a mudança chegar, mas a mudança não chegava nunca e mesmo sem os móveis fomos morar no sítio do meu avô materno, então enquanto meus avós paternos só tiveram o meu pai, como filho, o meu avô por parte de mãe teve 4 casamentos, aproximadamente 43 filhos, digo isso porque são os oficiais, dizem que tem outros que não foram registrados. É uma família muito grande e eu nem conheci todos os meus tios, nem o meu avô, somente as suas histórias.

Meu avô materno que também se chamava João. Ele gostava de comprar bonecos de barro em Caruaru, acredito que ele deva ter comprado diretamente do mestre Vitalino, pois eram contemporâneos. Ele também contratava os mamulengueiros (bonequeiros) para se apresentarem no sítio para as crianças e para os moradores do sítio, levava grupos de folguedos para se apresentar no sítio também, minha mãe fala que nesse ponto eu pareço com ele, porque e sempre gostei de bonecos de barro, inclusive só soube dessa história dos bonecos de Caruaru há uns 15 anos atrás, quando comprei um trio de forró de argila em Teotônio Vilela /AL.

Também uma história que minha mãe contava sobre esse meu avô era que ele era muito pobre quando jovem e que um dia ele foi para Juazeiro do Ceará falar com Padre Cícero e perguntar o que fazer para ficar rico, padre Cícero o mandou plantar café e ele voltou, plantou café, ficou rico para os padrões da época, tinha muitas terras em Angelim, São João, Arco Verde etc.

Minha mãe conta que ele tinha “corpo fechado” e muitos inimigos, mas nunca levou nenhum tiro, morreu bem velho depois de ter caído de um cavalo e ter adoecido por isso. Com a sua morte e depois das divisões das terras ninguém ficou rico e nunca viveram como ricos quando ele era novo, pois todos os filhos trabalhavam muito na roça, na verdade eu acho que ele tinha mão de obra barata que eram seus próprios filhos, um dos motivos que o ajudaram a ficar rico.

A minha avó materna ficou viúva aproximadamente com 40 anos de idade, teve 11 filhos, não se casou de novo, ela bordava, fazia tricô, costurava e foi professora no sítio quando ainda era solteira, só deixou de ensinar porque meu avô não a deixou continuar lecionando e porque ela ajudava a administrar o sítio e os trabalhadores.

Voltando agora para o momento em que fomos morar no sítio do meu avô, morar direto num sítio num chalé, muito grande mais depois de poucos dias caiu, fomos morar na cozinha que foi a única parte da casa que não havia caído, como não tínhamos móveis porque não tinha vindo ainda de São Paulo coube todo mundo lá, na cozinha mesmo.

Não tinha água encanada, luz elétrica, nem nada parecido com a realidade que eu vivia em São Paulo, mas de um lado desse chalé tinha uma mata que eu achava que tinha bruxas e minha mãe dizia que tinha Caipora lá e do outro lado tinha vários cajueiros que a gente passava e ouvia o canto de muitas cigarras, como sinto saudades de ouvir o canto das cigarras.

Lá nesse sítio, meus pais plantaram milho, macaxeira, feijões, batata doce, criavam galinhas, peru, boi. Inclusive eu tinha um bezerro da cor de barro, era um marrom bonito e diferente, acho que venderam o meu bezerro (risos), dizem que faz parte dar um bezerro para cada filho.

Eu ia buscar água em uma espécie de poça d'água que tinha sapos, plantas aquáticas, era uma água tão escura, mas era a mais próxima que tínhamos para beber, minha mãe dizia: “cuidado para não alumiar a água”, ela queria dizer com isso que não era para agitar a água, tínhamos que pegar a água com muito cuidado.

Lembro-me de umas noites a gente sair para uma casa de farinha para descascar as macaxeiras para a fabricação da farinha. Fazia tranças nas espigas de milho. Gosto até hoje da música: “ê são João, São João do carneirinho, você é tão bonzinho, fale com são José...”.

Conheci a mãe da minha tia Salomé que fazia para nós beiju, comida feita com a goma da mandioca e tinha um pé de urucum (colorau) que era como a gente chamava, tinha um pé grande de um feijão chamado guandu e muitas plantas e flores diferentes das que eu conhecia.

As noites a luz do candeeiro na cozinha do chalé comíamos feijão com farinha e charque, quase sempre, as plantações ainda não tinham crescido então esse começo foi muito difícil, arroz era só aos domingos, foi um período muito sofrido. As galinhas de minha mãe que íamos comer criaram uma doença da (um bichinho

hospedeiro de galinhas) e morreram praticamente todas as galinhas. Mas essa experiência faz quem somos hoje, ajudei a colher batatas, bater feijão, arrancar milhos, colher café, reconhecer nascentes d'água, ver o choro de árvores que se transformavam em colas, coisas que mesmo criança a gente não esquece.

Quem já viu uma noite de lua cheia repleta de vagalumes? Eu vi, não sei se verei outra vez, aliás, nunca mais vi nem mesmo um vagalume por onde andei.

Nesse mesmo sítio fui estudar pela primeira vez numa escola que tinha o nome do meu avô. Com sete anos. Só estudei seis meses porque nos mudamos para Garanhuns eu fiquei muito feliz porque ia ter água encanada e energia elétrica e TV. Perdi os outros seis meses porque a minha mãe não achou vaga na escola.

Comecei então a estudar com oito anos de idade. Em Garanhuns, estudei catecismo, fui rainha do milho, participei de quadrilha, minha mãe me ensinou a dançar forró. Na escola lembro-me de uma dança feita com peneira que dançamos na festa junina, não me lembro da música, não sei se era uma de Luiz Gonzaga ou se tinha outra música do folgado de lá, queria muito achar<sup>3</sup>.

Os carnavais de Garanhuns os meninos faziam uns sugadores com grandes canos que puxavam água, principalmente dos esgotos para jogar nas pessoas, muita Maisena e farinha de trigo na cara das pessoas, de qualquer pessoa mesmo quem não estivesse na brincadeira. Era meio violenta, então gente não saía de casa nessa época.

Minha mãe nos levava algumas vezes para o circo, mas não íamos muito acho que por causa de questões financeiras. Outras vezes íamos para o parques de diversão que geralmente ficava no Parque dos Eucaliptos que era como chamávamos, outras vezes íamos para o Parque Pau Pombo que é arborizado, e tinham brinquedos que podíamos ir. E ir à missa era outra coisa que fazíamos, pra manter a tradição da família.

Na rua que morávamos, não era uma rua asfaltada, mas próximo a ela tinha uma rua que brincávamos a tarde inteira de corda e de rouba bandeira (barra bandeira), como eram boas essas tardes. Mas às vezes brincávamos em casa no quintal com pedaços de madeira, eu fazia sofás, guarda-roupa, do meu jeito, mas fazia, gostava também de brincar de plantar, tinha um lugar no fundo do quintal só para elas e para os duendes que eu imaginava que iriam para lá quando eu não estivesse. Lá eu e meu irmão subíamos no muro do quintal do vizinho que tinha um pé

---

<sup>3</sup> Talvez seja essa <https://www.youtube.com/watch?v=u4bcMh2Vj5E>

de seriguela e comíamos as folhas quando não tinha as frutas, as folhas eram uma delícia, bem azedinha. Meus pais plantaram um pé de maracujá, nos divertíamos embaixo matando lagarta e depois comendo maracujás fresquinhos. É uma delícia tirar o maracujá fresquinho do pé e comer na hora.

Aos onze anos nos mudamos para Maceió, vim morar no bairro da Chã da Jaqueira, mas estudei no bairro do Bebedouro, em uma escola de quatro salas, ao lado da igreja de Santo Antônio, a escola era ginásio Santo Antônio, o bairro e a escola davam um clima de interior.

Fiz minha primeira comunhão lá, meu primeiro beijo foi na praça também, namorar na praça era uma coisa cultural da nossa adolescência. Segui procissões que começaram na praça, ia para casa de amigas que moravam no bairro do Flexal de Baixo próximo a Lagoa Mundaú. E até penso agora nesse bairro, Bebedouro, que fez parte de minha história que está se afundando, devido à exploração da empresa Braskem, é sofrido tudo isso.

Quando chegamos aqui e vi pela primeira vez a dança de Coco eu achei tão ousada que fiquei com vergonha, era muita “imbigada como dizia minha mãe”, mas além das “imbigadas” lembro-me dos pés dançando e aquela rapidez. Era uma dança que prendia meu olhar e eu nunca tinha visto antes. Sobre o folgado Guerreiro vi poucas vezes as pessoas dançando, mas me encantei pelo colorido e por pessoas mais de mais idade, dançarem com tanta dedicação e entrega.

Mas de qualquer forma em todos os momentos da minha vida, percebo que aprendi a dar valor depois, depois que passou. Na época não parecia tão importante, não parecia que ia marcar a minha vida. Mas marcou tanto que escrever sobre essas memórias e lembranças não é algo tão fácil quanto pareceu no primeiro momento. Tem memórias que vem com saudades, tem memórias que vem com tristeza, mas senti também que me enriqueceu mais escrever sobre as coisas que vivi.

Depois de anos contando histórias com vários colegas de profissão/ narração, mas o maior tempo com o meu o ator contador de histórias Pierre Pellegrine o qual fizemos há mais de 25 anos uma dupla que intitulada por Flora e Alecrim (nome de personagens), com ela contamos histórias para eventos, teatro, praças festas de aniversários, livrarias, bibliotecas etc. Anos de parceria com um repertório de mais de 80 histórias, como ambos já éramos atores aliamos a prática na contação de histórias com o teatro, a mímica, a música popular, fantoches, mamulengos, objetos inanimados etc.

Continuamos ainda com a dupla tanto nas contações de histórias como com o teatro, principalmente teatro infantil com um trabalho que fazemos até hoje com o teatro educação para crianças acreditamos que plantamos sementes nessa área, tanto no sentido da educação, bem como para novas plateias.



Figura 1: Contação de histórias no Sesc Teotônio Vilela/AL para alunos do EJA Ano: 2007 (acervo pessoal)

Esse público, de Flora e Alecrim e bem como do teatro infantil, sempre estiveram presentes desde o início da nossa carreira, algumas crianças se transformaram em pais e até avós e hoje nos acompanham com seus familiares e as novas crianças das famílias delas. Encontramo-nos com vários adultos que nos relatam que fizemos parte da infância deles, e nos dá a certeza de que estamos no caminho certo, e se não tiver totalmente certo, estamos sempre prontos para nos ajustarmos e chegar ao caminho correto.

Depois de um longo período atuando como atriz em vários grupos de teatro do estado de Alagoas como Companhia Teatro do Imaginário e Companhia Teatro da

Meia-Noite, mas sempre trabalhando com teatro paralelamente, e até mesmo em trabalhos independentes sem grupo, como o audiovisual.

Durante essa minha trajetória de contação de histórias, ou narrativas como é dita hoje, descobri a importância dos contadores de histórias, bem como dos diferentes tipos de contadores de histórias: os tradicionais, os professores educadores e os da área teatral ou artística (teatro, música e dança etc.).

Portanto, esse TCC falará um pouco da importância dos contadores de histórias desde o início da humanidade, perfazendo o caminho dos mesmos através dos tempos e se realizará através de pesquisa teórica com livros, teses, TCC etc.

Em seguida faremos uma abordagem dos contadores de histórias contemporâneos, buscando identificar os tipos existentes e suas diferenças e semelhanças entre eles.

E por fim será estudado mais profundamente o contador de história ator, o ator contador de histórias, com suas diferentes formas de encenação.

A ideia de estudar o Teatro e a Contação de Histórias, dá-se principalmente devido às inovações no perfil do artista, ou seja, no ator contemporâneo foi desenvolvida a necessidade de criar formas teatrais, ou então, de aliar ao Teatro, outros símbolos e outras expressões artísticas, como é o caso do ator no papel de contador de história.

Percebemos que às vezes ocorre certa nebulosidade de definições sobre o que seria contar uma história e o que seria encenar uma história, e ao mesmo tempo, quando o contador de histórias é um ator, surge outra questão: De que forma seria a possível para este referido ator não aliar o seu corpo a sua aptidão de lidar com seu espaço cênico e o seu aprendizado teatral como uma ferramenta para a sua performance de contador de histórias?

Surge então a necessidade de valorização, divulgação e discussão sobre a arte atemporal de contar histórias. Principalmente porque, em nosso cotidiano, na maioria das vezes essa expressão artística está aliada ao ato de fazer teatro; contemporaneamente é comum o uso da definição “ator contador de histórias”.

Dia após dia, esse movimento está aumentando consideravelmente. Cada vez mais esse ramo artístico está tornando-se menos incomum. Assistimos ao surgimento de mais e mais contadores de histórias, mais e mais professores contadores de histórias, e, como não podia deixar de ser, mais e mais atores designados como “atores contadores de histórias”.

E com o surgimento e inovações tecnológicas percebemos o surgimento cada vez maior de mais contadores de histórias, atualmente percebemos a presença de muitos contadores de histórias através das redes sociais, Facebook, Instagram etc.

Sabemos que essas duas artes: o fazer Teatral e a Contação de Histórias, estão ameaçadas há muito tempo, porém, quando achávamos que a arte de contar histórias finalmente cairia no fatídico esquecimento, subitamente somos forçados pelos eventos a mudarmos de opinião.

Será que isto é devido à união do teatro com o ato de contar histórias? O que faz o ator virar um contador de histórias? MACHADO (1997) afirma que essa mistura entre o ator e o contador de histórias vem crescendo imensamente nos grandes centros, como é o caso do eixo Rio de Janeiro – São Paulo.

O que não podemos esquecer é que o ator é um artista polivalente, ou seja, diversas vezes ele é obrigado a desenvolver outros talentos, tais como o canto, a dança, as artes circenses, a produção, a dramaturgia etc. Talvez por esse fato, exista a necessidade de que ele esteja sempre em busca de novos aprendizados. Como no período entre 1920 até os anos 1950 e 1960, a definição do ator/atriz completo era aquele dotado de várias destas aptidões. Ficou evidente que com o passar do tempo este tipo de artista foi aperfeiçoando-se, e atualmente, além de cantar, dançar e interpretar, ele acabou acumulando funções tais como escrever, dirigir e produzir.

A arte de contar histórias seria então mais uma ferramenta para esse profissional, que visando sempre aprimorar-se, busca enriquecer seus instrumentos de trabalho: o corpo e a voz?

Acontece que com a dupla Flora e Alecrim, eu, Bethe Miranda já com dois filhos tive a experiência de trabalhar por aproximadamente quatro anos, todos os sábados contando histórias em uma livraria de um shopping em Maceió, fato que nos aproximou ainda mais da prática, pensar toda semana em uma história, ou até mesmo levar os meus filhos para a livraria para ouvir, fez com que houvesse uma ampliação sensorial e afetiva das histórias. Tudo parecia ainda mais fácil, ainda mais fluido durante o processo de escolher, ensaiar, internalizar e narrar a história.

Foi um período muito importante no ofício como narradora, após esse período o projeto de narração da livraria acabou e engravidei de minha terceira filha, que coincidiu com o fim do projeto da livraria, mas não com o fim de Flora, nem mesmo da dupla Flora e Alecrim.



Figura 2: Flora participando do Pluralidades Cênicas na Sala Preta-Ufal, fevereiro de 2020. Fotos Roberta Brito (acervo pessoal)



Figura 3: Flora e Alecrim participando do Pluralidades Cênicas na Sala Preta-Ufal, fevereiro de 2020  
Fotos Roberta Brito (acervo pessoal)

Foram quinze anos participando da Companhia Teatro da Meia-Noite<sup>4</sup> como atriz, contadora de historias, dramaturga, produtora, diretora, administradora, muitas funções em um espaço artístico, mas com o seu fim, a busca de novas formas de fazer

---

<sup>4</sup> Para quem quiser conhecer mais sobre o grupo:  
[https://www.facebook.com/ciadameianoite16anos/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/ciadameianoite16anos/?locale=pt_BR)

arte, nova forma de ver o teatro, foi necessária, por um tempo fiquei parada, inerte, mas depois vi a necessidade de buscar ainda mais teoria teatral, mas com conceitos e mais formas de compreender a minha própria arte, o meu fazer arte, do Teatro a Contação de Histórias, e assim voltei a estudar após uma graduação em Ciências Contábeis, pela Ufal, e do curso técnico de formação do ator, atual ETA, também pela Ufal, faço a minha inscrição para o ENEM depois de anos sem estudar, chego mais uma vez a Universidade Federal de Alagoas, com 40 anos, dois filhos e uma filha recém nascida, mas como uma mulher com força de suas ancestrais que renasce sempre como uma Fênix, um narradora para os seus filhos, que também é uma atriz, uma produtora, uma dramaturga e uma dona de casa, algumas das funções exercidas e agora (naquela época o começo do curso de graduação) uma estudante.

E foi fundamental essa volta, rever assuntos conhecidos, outros que nunca ouvi falar, que eram novos para meus ouvidos e reacendiam a minha mente com novas informações que ampliavam o meu conhecimento na arte teatral. Revi velhos amigos do teatro alagoano e professores que foram do curso técnico de formação do ator, como Washington da Anunciação, Ronaldo de Andrade, bem como novos professores, novos amigos... Senti-me viva, renovando a cada momento minhas ideias, meus pensamentos e meu conhecimento.

E depois de tantos velhos e novos assuntos, o tema da Contação de Histórias como sendo a ideia inicial do meu TCC nunca me abandonou nem me deixou esquecer o que sempre tocou o meu coração e durante esses quatro anos maturando ainda mais na minha mente.

Durante a graduação senti a necessidade de aprofundar na Contação de Histórias e surgiu a oportunidade de fazer uma pós-graduação intitulada de Contação de Histórias e suas interfaces pela FCC - Faculdade de Conhecimento e Ciência do Belém Pará.

Nessa pós-graduação, especialização, eu tive o privilégio de ter aulas com grandes nomes que eu já conhecia através de livros como Bia Bedran, Celso Cisto, e Gislayne Matos. Mas claro que conheci outros nomes como Ana Selma Cunha, Ivani Magalhaes entre outros.

Foi de grande importância para me atualizar e dar continuidade aos estudos na Contação de Histórias com profissionais, mestres e doutores de todo o Brasil, que se especializaram nesse assunto e que trouxeram coisas novas para que eu ampliasse ainda mais a minha pesquisa.

Novos termos, novos contadores de histórias, novas fontes de pesquisa, novos nomes, novas histórias, foi o que experimentei durante esse período. Mas claro que além do conhecimento teórico e vivências dos professores, ficou muito claro que é de grande importância a valorização da nossa ancestralidade, da nossa cultura popular e da nossa intuição, bem como da técnica como narradores.

Mesmo sendo de forma *online* foi muito proveitoso, ampliei meu olhar, meu conhecimento e minha intuição. E ficou evidente que o bom contador de histórias é aquele que busca o tempo todo aprender e que tem um coração de criança para receber informações, não ser rígido e sim flexível como um bambu, que se enverga, mas não quebra.

Foi um curso teórico e prático e que me fez ter mais certezas de que o bom contador de histórias também é aquele que está sempre contando, pois é só assim que o contador de histórias aprenderá com os seus erros e seus acertos.

Enfim, com as minhas histórias, minhas profissões como atriz e contadora de histórias, com a graduação e a pós-graduação que realizei ainda continuo com a certeza que precisamos de mais pesquisas na área da contação de histórias nos cursos de artes.

Diante da carência apresentada em nosso país atualmente faz-se necessário a realização de pesquisas que, como esta, busca reacender os pontos artísticos e culturais de nossa sociedade, considerando também a constante necessidade de aprimoramento da educação.

Diversas pesquisas demonstram que alunos participantes de atividades artísticas, e a contação de histórias é uma delas, apresentaram um melhor aproveitamento escolar, obtendo maior sucesso nos componentes curriculares obrigatórios.

O artista, contador de histórias pode se tornar uma arma pedagógica no combate à carência educacional e cultural que insiste em nos perseguir invadindo nossos lares, catalisada principalmente pela mídia televisiva e pela falta de capacidade de julgamento das informações obtidas pela Internet.

Existe a necessidade de se conhecer melhor esse novo profissional que está atuando nas escolas, teatros e praças. A carência de dados que tratam desta categoria, não significa que inexistam repercussões e/ou comentários no meio artístico e literário, ainda que muitos pesquisadores queiram determinar uma definição unilateral e resumida, que não faz jus e nem corresponde a amplitude real deste profissional.

Defini-lo simplesmente como um contador de história, sempre o desvinculando do ator, é no mínimo uma definição incompleta, e a maioria dos dados pesquisados tratam essa arte simplesmente como um projeto dirigido à Literatura. Em outras palavras, os projetos são de Literatura, mas acabam sendo estudados como conto popular, conto de fadas ou conto fantasioso, e ocorre a negligência no que se refere ao profissional do teatro que passa a assumir o manto de contador de histórias. É preciso ampliar mais estudos dirigidos à Contação de Histórias, suas formas, e ferramentas.

A performance do contador de histórias, que poderá ou não ter cenário, figurino, iluminação e técnicas de interpretação; e o monólogo tradicional que se utiliza de cenário, figurino, iluminação e técnicas de interpretação.

Portanto são duas linhas de apresentação que, apesar de alguns pontos análogos, devem ser tratadas independentemente. Faz-se necessária uma definição cristalina evitando transposição entre elas.

Logo, essa pesquisa também tem o intuito de estudar e esclarecer as diversas tonalidades entre as semelhanças e diferenças de um ator e de um contador de histórias; E definir, através dos pontos de interseção, o papel do ator contador de histórias, tratando esse profissional como uma forma de enriquecer a Arte e a Educação.

A base teórica para essa pesquisa utilizará os métodos determinados por nomes como: Regina Machado, Cléo Bussato (na área da Contação de Histórias) Stanislavsky e Richard Courtney (na área teatral).

A linha metodológica de pesquisa será trabalhada por meio de pesquisas de campo, entrevistas, estudando os contadores de histórias tradicionais (popularmente conhecidos como Griôs) e estudando os atores contadores de histórias contemporâneos existentes em Maceió.

Mostrar através do TCC final a importância do contador de histórias para a sociedade em todos os tempos, bem como evidenciar a clareza a importância, diferenças, semelhanças dos contadores de histórias tradicionais e dos contadores de histórias contemporâneos.

Mostrar também através desse TCC a vivência e experiência que obtive nesses aproximadamente 30 anos como atriz e 27 anos como contadora de histórias, então para isso colocarei minhas opiniões, experiências, ideias e histórias de vida (antepassados), esse TCC definitivamente será a minha colcha de retalhos e espero que sirva como referências para os futuros contadores de histórias.

## 1. A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS PARA AS RELAÇÕES DE AFETO NA HUMANIDADE

As histórias fazem parte da vida de todas as pessoas desde a infância, desde quando a mãe, pai e familiares contam histórias para seu bebê ainda na barriga da mãe.

Durante toda a humanidade o homem conta e escuta histórias, desde o tempo das cavernas até os tempos atuais, mesmo hoje em dia com tanta tecnologia as histórias ainda fazem parte de nós. É como um ritual, uma demonstração artística, um acalento, uma forma de afeto, uma forma de repassar conhecimentos, para curar corações, para acalmar, enfim, existem milhares de funções para as histórias e com certeza ela ainda produz os mesmos efeitos que há milênios com as primeiras civilizações, bem como com os povos originários ou os homens nas cavernas.

Bia Bedran em seu livro *A Arte de Cantar e Contar*<sup>5</sup>, coloca para nós leitores o pensamento de Bajard:

Desde que o mundo é mundo, o homem sempre esteve ao lado de suas narrativas, ao redor do fogo, por meio da escrita rupestre entremeadas de sons guturais até a elaboração da linguagem. Contando sua própria história e a do mundo, o homem vem se utilizando da narrativa como um recurso vital e fundamental. Sem ela a sociabilidade e mesmo a consciência de quem somos não seria possível. (BAJARD. Prefácio in: PATRINI, 2005, p. 13).

Nós humanos carregamos dentro de nossa essência, as nossas histórias pessoais que vivemos durante a nossa trajetória de vida, mas além das nossas carregamos as histórias afetivas que em algum momento de nossas vidas nos contaram e que nos emocionam fortemente, foram histórias que nos impactaram nossos corações.

E quando ouvimos esses contos bem contados nos deixamos levar, abrimos o nosso coração, a nossa sensibilidade e nosso corpo cria ao ouvir milhares de sensações físicas, emocionais e espirituais, porque nos ligam com o universo lúdico do mundo do encantado, nossos olhos brilham.

Para Bajard, o conto tem grande importância para a humanidade desde o início dos tempos:

O conto é uma memória da comunidade, em que encontramos lugares diferentes de olhar e ler o mundo ao praticarmos a arte da convivência.

---

<sup>5</sup> Bia Bedran, *A Arte de Cantar e Contar Histórias - narrativas orais e processos criativos*

Segundo Élie Bajard, "a origem do homem é marcada pelas histórias contadas, que estabelecem a fronteira com os outros primatas. Homo Sapiens é um primata que conta histórias" (BAJARD. Prefácio in: PATRINI, 2005, p. 13).

As histórias atualmente ocupam espaços que já há muitas décadas não ocupavam, pois elas só eram ouvidas nas portas das suas casas ou dentro ou ao redor de fogueiras, nas calçadas.

Hoje, porém elas tomam conta de vários espaços que antes não ocupavam como os teatros, praças, feiras literárias, bienais, pátios das escolas, prédios, festas de aniversários etc.

Acreditamos que as histórias ganharam um espaço de mais destaque e é por isso que para quem quer ser contador de histórias, precisa dominar essa arte, estudar suas técnicas, dominar seu olhar, corpo, voz, musicalidade das palavras para que a história toque na alma de quem escuta.

Na nossa essência como seres humanos somos todos contadores de histórias, mas não necessariamente precisamos ser atores ou cantores ou narradores oficiais de histórias.

O que queremos dizer com isso? Que todos nós nascemos com esse poder de contar histórias, herdado de nossos antepassados e que podemos criar através da nossa voz, história e emoção um momento mágico/lúdico com nossos familiares e amigos.

### **1.1 MEUS OLHOS INTERNOS QUE SALTAM PARA O EXTERNO - RELATO PESSOAL SOBRE O CONTO POPULAR DO COMPADRE POBRE E COMPADRE RICO E A PEDRA CRISTALINA**

Desde pequenina ouço histórias contadas por mim mãe, dona Valdeci Honório Apolônio Miranda, histórias que nos comoveram e tocaram o nosso coração, algumas foram histórias da sua infância, de quando ela morava num sítio que tinha fantasmas, histórias de banho de rio, da Caipora que morava na mata ao lado e que tinha que deixar fumo para não se perder, de quando faziam suas próprias bonecas de pano, do seu pai que tinha o corpo fechado, do encontro dele com o Padre Cícero, de seus vários irmãos, das primeiras mulheres de meu avô, das colheitas de café, milho, feijão,

de que as crianças mais velhas tinham que cuidar dos irmãos mais novos (nessa época

as crianças trabalhavam muito e não era dado à importância devida aos estudos e sim aos trabalhos braçais) etc.

As histórias que sua avó, minha bisavó que também fazia renda de bilro, com aquela grande almofada que apoiava para fazer o seu ofício, criando suas artes manuais e nesse momento ela lhe contava várias histórias para minha mãe e para a minha avó. Histórias essas que foram repassadas de mãe para a filha, são histórias lindas de outras épocas, histórias de outra cultura. Que hoje sinto que são todas minhas também, perceber o poder que essa força da nossa raiz, nos traz, de saber o poder dessas mulheres que já passaram por essa terra, perceber o quanto carregamos delas, e que as vezes demoramos um pouco para que possamos perceber e dar a devida importância. Acredito que esse momento é o momento em que amadurecemos de verdade como indivíduo e como mulher.

Escolhi a história “Os compadres” para o meu repertório e para falar aqui, pois ouvi da minha mãe desde pequenina e que sempre dizia que era a sua avó que contava para ela também, ou seja, já faz parte da tradição da nossa família. Atualmente é uma das histórias que compõem o meu repertório, e é um conto muito antigo, através de minhas pesquisas descobri que é um cordel chamado: Os Compadres e a Pedra Mimosas<sup>6</sup>.

A história que hoje conto não é igual à do cordel, pois quem “conta um conto aumenta um ponto”; e com certeza no decorrer dos anos essa história foi ganhando modificações e se tornando essa história parecida com a que minha mãe me contava, que claro com certeza ela conta melhor que eu (risos).

Enfim, sobre o meu processo de estudo da história desde a preparação e a primeira vez que contei até os dias atuais a história vem sofrendo leves modificações sobre a forma que eu a conto, já modifiquei várias vezes a forma de contar, houve um momento inclusive que eu contava essa história usando muito mais o corpo, mais figurino, mais maquiagem, era um processo mais agitado e mais enérgico, porém com o passar do tempo o foco maior passou a ser a narração assim como a minha mãe fazia. Percebo que com o passar dos anos ficamos mais calmos, mais seguros, e sim, quando contamos várias vezes a mesma história nos sentimos mais confiantes e mais dominadores das palavras da história, da narração.

---

<sup>6</sup> Se encontra em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcbr&pagfis=21514>

Quando narro essa história eu vejo a história como se fossem quadros, ou seja, cada vez vejo a imagem diante dos meus olhos internos que saltam para o externo através da voz e do corpo; Vejo a pedra, os compadres com suas características próprias, eu vejo a pedra cristalina gigante diante dos meus olhos, vejo os homens chegando com cavalos cheios de joias e tesouros.

E quando estou narrando sinto a necessidade de variar o tom de voz e dar nuances, variações nuances de tons para que o público fique mais atento e preso na narrativa. Dentro de mim, de certa forma vejo aquele universo narrado, o chão seco como um grande sertão e vejo ainda uma grande imensidão de sentimentos dentro de mim, sentimentos esses de memória afetiva de minha mãe contando. A sensação também de querer repetir as emoções que senti quando ouvia dela, de fazer as crianças felizes e presas ao som da minha voz assim como eu era quando criança.

Acredito que com esse processo de estudo com a pós-graduação me despertou ainda mais a vontade de publicar esse conto recontado por mim, pois acredito que ele não poderá ficar guardado e sim deve ser espalhado com o vento, com as vozes, outras vozes, outras mães devem contá-lo para que ela se espalhe pelos quatro cantos da terra.

Ao contar eu sinto uma grande emoção sempre e dentro de mim fica o pensamento e a lembrança de como a minha mãe contava e de quantas vezes eu pedia para ela repetir a mesma história, mil vezes se fosse possível, era fantástico esse momento da minha infância e mesmo depois de adulta ainda gosto de ouvir essa história contada por minha mãe.

Quando eu conto essa mesma história, sinto que estou fazendo algo que está perpetuando o conto e o dom que a minha avó tinha e a minha mãe. Sinto que eu estou reacendendo esse momento e que meus filhos e netos também irão ouvir e se divertirão assim como eu. É realmente algo milenar que nos faz sentir mais humanos e afetuosos.

A autora Gyslane Avelar define a importância do contador de histórias como: “A arte do contador envolve expressão corporal, improvisação, interpretação, interação com seus ouvintes. O contador, como vimos, recria o conto juntamente com seu auditório, à medida que conta. O leitor, por sua vez empresta sua voz ao texto” (AVELAR, 2009. p. 9).

Enfim, o universo das histórias, das narrativas é repleto de possibilidades e nós contadores de histórias precisamos primeiramente ouvir muitas histórias ou ler

muitas histórias para quando chegar o momento de narrá-las, precisamos conhecê-las muito bem para que ela flua e encante a plateia.

## **2 ORIGEM/HISTÓRIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO MUNDO**

Nas culturas orais, o conhecimento adquirido por várias gerações ao longo dos tempos é armazenado na memória. Nessas culturas, os anciãos têm um lugar privilegiado porque representam a memória viva de seus antepassados. Referindo-se a eles, os povos africanos, que guardaram muito dos valores e das tradições da cultura oral, costumam dizer: “Na África, cada velho que morre é uma biblioteca que se queima” (AVELAR, 2009)

A contação de história está presente na humanidade desde os seus primórdios. Ao observamos o homem das cavernas fazendo seus desenhos nas paredes para contar para os seus descendentes como eram suas rotinas, a sua forma de pescar, de caçar e de esconder dos bichos, seus predadores, eles ensinavam e deixavam o seu legado. Ou quando eles ainda contavam suas histórias ao redor da fogueira e narravam também suas caças, eram histórias, que eles contavam, eram momentos de repasse de cultura de afetividade e porque não dizer de arte, pois eles estavam recriando situações vividas, assim como os atores o fazem, recontam através da voz e do corpo também.

Tudo o que nós humanos vivemos hoje, aprendemos com os nossos antepassados e foram incorporando a nossas vidas desde muito tempo, e a nossa evolução está presente e vamos acrescentando ensinamentos e aprendizados com o passar de conhecimentos e histórias e narrativas.

Na Grécia antes do surgimento do Teatro, se contavam histórias para ensinar aos humanos o que eles deveriam ou não deveriam fazer, a contação de histórias servia para educar e fazer com que os povos obedecessem aos deuses.

As narrativas foram sendo incorporadas aos espetáculos de teatro, assim os personagens que antes ficavam no campo da imaginação passou a ser um personagem interpretado por um ator, com figurinos, com voz própria, um corpo próprio, uma psique própria e que o ator deu vida, reforçando os grandes dramas da humanidade, através de espetáculos teatrais.

A narrativa é uma forma de se fazer arte, durante muito tempo não foi considerada, mas atualmente percebemos que essa linha artística está se ampliando,

principalmente depois dos anos 90, ela vem ganhando um espaço maior, e sendo reconhecida também no campo teatral, pois a contação de histórias, no Brasil, há uns 20 anos aproximadamente perceberam que seu reconhecimento vem ganhando espaço, em diversos lugares como citado acima.

A contação de histórias possui várias formas de ser contadas e isso vai de acordo com o seu interlocutor, que pode ser ator, professor, ou o contador de histórias tradicional. Os contadores de histórias tradicionais podem ser encontrados em qualquer lugar, pois ele está nos nossos lares, pode ser a nossa avó, avô, nossa mãe, tia, vizinha e não necessariamente é um profissional, que recebe recursos financeiros para narrar. Esse contador de histórias é um grande elo de afetividade, pois na maioria das vezes ele conta história que já ouviu de outras pessoas, dos seus antepassados, na maioria das vezes eles ou elas não tem estudo, mas isso não é impedimento para que as suas histórias deixem de encantar as pessoas, e na maioria delas surge nos momentos de descontração, afetividade e carinho, muitas vezes acontecem à mesa de sua casa, regadas a café e bolo quentinho, outras vezes a frente das calçadas, essa já está quase em extinção devido aos perigos da atualidade, hoje as pessoas estão mais recolhidas em suas casas, diferente de antigamente que era comum às pessoas ficarem até tarde ou a frente de uma fogueira ou em suas salas. E não podemos deixar de citar também que as tecnologias, a TV, os celulares, notebooks etc., contribuíram para que essas antigas práticas diminuíssem cada vez mais e as pessoas perderem o interesse pelas rodas de histórias.

Assistimos um novo momento para essa arte, um tempo de redes sociais e através desse meio de comunicação, a voz dos narradores vem sendo multiplicada, e expandida através dessas mídias sociais. Novos contadores de histórias, cada um com uma forma de narrar, alguns usam só a voz, outros usam o corpo e a sua teatralidade, alguns usam outros elementos do teatro além do corpo, como mamulengos, bonecos, objetos inanimados, iluminação, cenários, figurinos, instrumentos musicais (e acrescentarei o que as cantigas populares, que muitas trazem essa arte também quase adormecida). E com o advento das redes sociais Youtube, Instagram etc. as crianças poderão ter acessos a histórias antigas, bem como novas histórias da literatura infantil e todas são bem-vindas para acrescentar a essa arte milenar.

Os contadores de histórias com as tradições europeias, temos muitas histórias que são conhecidas até hoje e essas recontadas para as crianças desde a educação infantil, como Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Branca de Neve, os três

porquinhos e tantas outras que desde pequenos, essas histórias na maioria recontadas pelos irmãos Grimm, Pierrot etc.

Essas trouxeram ensinamentos como cuidados com estranhos, a inveja não é algo bom, acreditem nos seus sonhos etc.

Mas na nossa sociedade brasileira não temos somente essas histórias, temos ainda as histórias dos povos não europeus como os indígenas que através de suas histórias ainda hoje ensinam histórias do seu povo, histórias que trazem e reforçam as suas culturas indígenas, como a exemplo de como surgiu a macaxeira, ou o guaraná e que seus povos continuam ensinando aos seus filhos e descendentes porque da sua cultura e reforçam ainda o respeito aos mais velhos aos seus ancestrais etc.

E outros povos que têm uma grande quantidade de histórias e que tem o contador de histórias, os Djéli ou conhecidos como Griot como um ser de muito respeito até os tempos atuais, esse contador de histórias africano é na maioria um ancião que ensinam também a cultura dos seus povos e que ensinam e dão conselhos através das histórias.

Taumani Kouyaté nos explica que na sociedade mandiga situada na África que eles não se reconhecem como Griots, esses para eles são os cantores, artistas, homens de teatro, para eles o contador de histórias que faz parte da sua cultura e de outras tribos da África são os Djéli que são os guardiões da sociedade, os contadores de histórias e que para exercer essa função passa por uma iniciação desde a infância (MEDEIROS, 2015).

O ensinamento, a afetividade e o respeito às divindades são transmitidos de forma fluida através das suas histórias, e é através delas que se valorizam e se reforçam as histórias dos seus povos. Isso reforça o que falamos lá atrás que ainda hoje em dia as histórias são usadas para educar e manter as histórias e as tradições de vários povos que ainda cultivam a narrativa como instrumento de continuidade da sua cultura.

## **2.1 AS HISTÓRIAS NO BRASIL**

Não podemos negar que o Brasil é uma grande mistura de povos e raças, e que a nossa cultura se une com todas as culturas dos povos que vieram para o Brasil bem como com os que já estavam aqui como é o caso dos povos originários do Brasil, de tantas tribos indígenas existentes no tempo das invasões portuguesas, espanholas e holandesas e de tantos outros povos que vieram com o intuito explorar, e ainda

trouxeram outras civilizações, outras culturas de forma escravizada como é o caso dos africanos, que vieram para o Brasil de formas desumanas.

Com o passar do tempo ainda tivemos vários povos vindos para o Brasil fugidos de guerras e de pobreza em seus países de origem, com esperança de nova vida ou de enriquecimento, como os judeus, italianos, portugueses, japoneses, turcos etc.

No final de tudo a nossa cultura é uma grande miscelânea de culturas de vários povos, com várias características e distinções de hábitos. E com essa diversidade nos faz sermos um dos povos mais ricos culturalmente, pois as nossas histórias foram se misturando com as culturas de outros povos que foram colonizando o nosso Brasil.

O nosso grande pesquisador e folclorista Câmara Cascudo, redigiu em seu livro *Contos Tradicionais do Brasil*, várias histórias colhidas dos povos brasileiros e procurou registrar o local onde foram coletadas as histórias, ele fez também a correlação com histórias parecidas e ouvidas em outros países, trazendo em suas pesquisas as semelhanças e diferenças entre elas, o que foi se modificando, esse grande registro nos faz pensar e repensar o quanto vamos absorvendo as histórias e automaticamente modificando, de acordo com o que ouvimos e sentimos e com isso reforçamos o ditado popular já citado aqui: “quem conta um ponto aumenta um ponto”.

## **2.2 - OS POVOS GREGOS E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

No teatro grego (tragédias e comédias) até os tempos atuais existe a presença do coro, que é responsável por contar as histórias dos personagens: o coro nos explica quem são os personagens, o contexto que ele está inserido e porque chegou a determinado diálogo, porém, mais que ligar cenas, o coro, tem a função de amigo, é como se fosse alguém que as histórias dos personagens, nos colocando a par, a função afetiva do coro de fazer com que a plateia crie uma relação de afetividade com os personagens é intrínseca, pois parece uma vizinha contando algo de alguém que mesmo que não conhecemos, a gente busca informações, nos interessamos pela história de vida que ouvimos, emprestamos o nosso tempo, nossos ouvidos e nosso afeto.

Para o dramaturgo Luiz Alberto de Abreu em seu artigo *A Restauração da Narrativa* afirma que “... o teatro vem sofrendo, nos últimos três séculos de seus conteúdos narrativos. O que era elemento constitutivo do espetáculo entre os gregos ou mesmo na época de Shakespeare hoje se limita a resquícios, praticamente”.

E não podemos esquecer que muitas tragédias que conhecemos hoje de forma teatral, antes eram contadas para os gregos apenas de forma oral, antes do teatro eram apenas as histórias, os contos educativos daquela sociedade.

Ainda para Abreu ele discorda das reduções das narrativas nas peças teatrais “O fato é que os conteúdos narrativos numa peça teatral não são apenas elementos estilísticos e sua perda corresponde a um prejuízo tão gigantesco que chega quase a descaracterizar a arte teatral” (Abreu).

### **2.3 – POVOS ORIGINÁRIOS (AFRICANOS E INDÍGENAS DO BRASIL/DA AMAZÔNIA)**

O continente africano, com diversas etnias, cada uma delas com suas características próprias, culturas próprias, histórias próprias, com hábitos de vida tão singulares e que muito temos que aprender com elas, com suas grandes riquezas culturais.

Povos que até hoje aprendemos sobre a manutenção de suas culturas, da preservação de suas histórias para a continuidade das suas raízes culturais e hábitos entre os seus mais novos descendentes, que desde pequenos se habituam a ouvir histórias e aprendem as suas funções nas tribos através delas, as histórias continuam ensinando e reacendendo as suas ancestralidades, através dos seus anciões semeadores dos contos africanos.

Sobre os povos originários do Brasil, os indígenas da Amazônia, já presentes muito antes aqui no Brasil, os nossos protetores da natureza, que habitavam essas terras cuidando e vivendo sem destruí-la como os colonizadores brancos. E que sofreram de todas as formas com os exploradores europeus, que dizimaram a grande maioria deles. Mesmo assim eles continuam com os seus costumes indígenas, mesmo com as mudanças que vem ocorrendo durante todos esses anos.

Acompanhamos pelas redes sociais e de comunicação que a luta deles ainda não acabou, continuam lutando pela manutenção da sua cultura, pois com a entrada de outras culturas, costumes e hábitos, além dos celulares que já chegaram à maioria das tribos que ainda sobrevivem em nosso país, eles lutam para preservar.

Percebemos que a cultura está sangrando diariamente, mas que os mais velhos buscam através dos seus ensinamentos repassarem e fortalecer os seus costumes. sua cultura principalmente através das lendas e outras histórias, como bem conhecemos muitas delas como a lenda da Mandioca, da Yara, da Lua, do Sol, do nascimento do

mundo, de animais enfim, mas existem muitas outras histórias que são utilizadas para eles reforçarem e continuarem contanto para os seus descendentes sobre seus costumes e ensinando-os a sobreviver na natureza, a continuar com os seus costumes, suas culturas e suas divindades.

Percebemos como várias civilizações utilizam das histórias para educar e para valorização da sua própria cultura e dar seguimento ao que outros antecessores, antepassados deixaram como ensinamento e que com esse ensinamento é o que faz com que eles sobrevivam até os tempos atuais. As histórias, os contos e as lendas ensinam educam, ajudam na manutenção de culturas e da subsistência da própria humanidade.

A história para os indígenas é utilizada desde a proteção das suas terras, bem como pela preservação das suas culturas e por ser repassadas de forma oral, a qual toca o emocional do ouvinte manteve-se por séculos. Mas deve-se haver a preocupação de um registro e catalogação acompanhada por responsáveis de suas tribos para que se mantenham as características e detalhes para as novas gerações com todo o cuidado, respeito histórico, patrimonial e cultural.

Que as lendas e histórias dos povos originários toquem nossos corações, através da poética da palavra narrada da mesma forma que um pequeno indígena é tocado e sente em seu coração escuta como surgiu o mundo olhando para o céu, das coisas do seu dia a dia, do seu quintal, que são as florestas, das comidas como surgiram e como as colher, bem como de suas divindades e espíritos ancestrais e guardiões das florestas e dos animais, das coisas do céu como, por exemplo, a lenda de Jacy (Lua<sup>7</sup>), de Yara.

### **3 A ESTÉTICA NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS - MOMENTO HISTÓRICO**

Na contação trazida para o Brasil temos como exemplo, as mães negras africanas que vinham em navios para o Brasil escravizado e contavam histórias para acalantar seus filhos e rasgavam suas saias para fazer bonecas feitas conosco (amarrações) para acalotá-los no momento de sofrimento da viagem, essas bonecas são conhecidas como Abayomi.

---

<sup>7</sup> do tupi Ya-cy ou Ia-cy, mãe dos vegetais), na mitologia tupi é o deus Lua, protetor das plantas, dos amantes e da reprodução

Outros colonizadores como os espanhóis, portugueses e holandeses desde esse momento inicial de exploração do Brasil trouxeram sua cultura oral e todas se misturaram e hoje os contos tradicionais do Brasil recebem influência de vários povos, misturando os elementos do imaginário das histórias, e hoje temos essa mistura cultural e extremamente rica que é cultura brasileira.

### **3.1 A ESTÉTICA NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA ATUAL**

A palavra contada não é simplesmente fala. Ela é carregada dos significados que lhe atribuem, o gestual, o ritmo, a entonação, a expressão facial e até o silêncio que, entremeando-se ao discurso, integra-se a ela. O valor estético da narrativa oral está, portanto, na conjugação harmoniosa de todos esses elementos (AVELAR, 2009 p. 4).

Os contadores tradicionais continuam atuantes na sociedade só que em menor quantidade, principalmente nas grandes cidades, isso provavelmente devido às mudanças sociais e a nossa civilização contemporânea que está sempre correndo e em busca de bens de consumo, diferente de antigamente quando as pessoas tinham mais tempo de conversar, ouvir, de serem mais afetuosas com os outros, entretanto com as tecnologias de celulares, smartphones, computadores as pessoas estão se distanciando cada vez mais desses contadores tradicionais.

A estética utilizada por esse contador de histórias é algo natural e baseado em sua ancestralidade com perspectiva na difusão de conhecimento para as novas gerações. Não há uma preocupação técnica com cenário, figurino, música, adereços e outros elementos cênicos. Mas há um cuidado com o compor e manutenção da cultura e da memória, ou seja, uma valorização da ancestralidade e da narrativa de suas culturas.

Há também os contadores de histórias que muitas vezes são professores e professoras de escolas, principalmente da educação infantil e fundamental e que iniciam suas descobertas na contação de histórias, inicialmente pelo incentivo à literatura e como forma de educar e entreter as crianças em datas festivas escolares e outros eventos. Esses contadores, contadoras utilizam figurinos, iluminação, adereços, voz, músicas, mas de forma intuitiva, na maioria das vezes elas não tem curso de teatro, música ou contação de histórias, mas elas utilizam de suas memórias afetivas e intuitivas para fazerem as narrativas e com o passar do tempo vão se aprimorando, pesquisando, fazendo cursos e usando cada vez mais a oralidade de forma técnica e consciente.

Avelar Matos defende que a narração vai muito além da voz:

É evidente que, com todas as suas particularidades, esse modelo de cultura terá, também, sua maneira própria de conceber a beleza. A palavra contada não é simplesmente fala. Ela é carregada dos significados que lhe atribuem, o gestual, o ritmo, a entonação, a expressão facial e até o silêncio que, entremeando-se ao discurso, integra-se a ela. O valor estético da narrativa oral está, portanto, na conjugação harmoniosa de todos esses elementos. (AVELAR .2009, p. 41)

Existem os contadores de histórias que surgem de outras artes como o teatro, a música, o cordel, a dança e outras linguagens, esses utilizam uma estética própria, cada um utiliza de suas ferramentas artísticas que mais dominam, como o corpo, a voz, mais elaborada como o canto, o cordel com suas rimas, os instrumentos musicais tocados de forma mais técnica, até mesmo técnicas com dobraduras de papel, a formas de se contar uma história são infinitas, dependerá sempre do emissor.

Mas o que pode e o que não pode? Observamos que nesse último caso citado, pode-se utilizar tudo, mas devemos pensar na qualidade técnica do que se quer apresentar na narrativa, seja ela somente uma narração com o corpo e a voz, mas o importante é buscar a qualidade artística do que será transmitido para o ouvinte.

Elementos estéticos que podem estar presentes na contação de histórias de acordo com o que o narrador deseje:

**MÚSICA** – Pode usar qualquer tipo de música, instrumental, clássica, infantil, canções de ninar, cantigas de rodas etc. pode-se usar sons feitos com instrumentos artesanais, com o corpo com elementos inusitados, criando sons de chuva, de água, ou seja, está livre usando a criatividade. E a falta de som, o silêncio, na narrativa também é permitido e muito bem recebido.

**FIGURINOS** – Pode-se usar de forma simples, com cores neutras que não chamem a atenção, bem como um figurino teatral com muitas cores, utilizando elementos regionais do nordeste como chita, fuxico, fitas de cetim, crochê, filé, ou seja, pode-se usar tudo de acordo com os gostos do narrador ou de acordo com que as histórias queiram comunicar.

**CENÁRIO** – As questões estéticas do cenário podem estar presentes ou não, valem para o que falei aqui na forma ditos na música ou mesmo no figurino. Caberá ao narrador ou artista o que ele colocará no seu espetáculo.

**BONECOS** – Os bonecos ou objetos inanimados, mais uma vez a sua presença ficará ao gosto do contador de histórias ou de sua direção caso o espetáculo de

contadores de histórias tenha esse profissional. São muitas opções: mamulengos, fantoches, marionetes, objetos inanimados etc.

ILUMINAÇÃO - essa luz poderá ser a do pátio da escola, ou a luz natural embaixo de uma árvore, ou em uma roda de pessoas ao redor de uma fogueira, com lampiões, candeeiros ou até mesmo com iluminação mais técnica dos teatros, ou o narrador surpreender o espectador com um baú iluminado, ou uma flor que acende (iluminação simples que é comprada atualmente).

Os elementos acima citados são exemplos de opções que os contadores/narradores podem utilizar, mas reforçando que sempre o mais importante na contação de histórias é a narrativa, a voz, as nuances da palavra e o sentimento para que essa história seja visualizada na imaginação e sentida pelo ouvinte. Uma boa narração tem o poder de tele transportar o ouvinte ao passado, a outro reino, a outros planetas e tudo só será possível se o narrador através da sua voz transmita a emoção e desperte no espectador a imaginação diante da história ouvida.

É importante o cuidado com o produto, ou seja, com a contação (conto, história, cordel), para que esse resultado final seja uma obra de arte, digo, para que essa história tenha uma grande qualidade utilizando ou não utilizando qualquer elemento cênico na história contada, para que se torne inesquecível aos olhos e aos ouvidos do espectador.

Portanto o contador de histórias, pesquisador, artista, está livre para utilizar de varias técnicas desde que as estude, exercite em seu ofício que poderá ser individual ou não, mas que com toda certeza necessita de uma busca por qualidade principalmente na narrativa que é a principal ferramenta do contador de historias, esse está livre para agregar em seus ofício músicas, elementos cênicos, elementos tecnológico, mas não poderá esquecer nunca de estudar o conto e suas formas narrativas para que a forma estética do conto em si seja preservada.



Figura 4 -Festa infantil, fevereiro de 2023, Fotografia: Renner Boldrino (acervo pessoal)

### **3.2 A LUDICIDADE É ELEMENTO FUNDAMENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS**

A ludicidade está presente nas nossas vidas mesmo quando não temos conhecimento técnico; quando nasce um bebê uma das primeiras coisas que as mães e os pais fazem para acalmar uma criança é cantar cantigas de minar para acalmar o choro, para fazer dormir, para dar carinho. A doce melodia cantada para as crianças leva a criança para outro mundo imaginário, de calma, do encantado e a acalma e é uma das primeiras inserções para o emocional das crianças e para o seu desenvolvimento cognitivo. A música aliada às histórias ou a história aliada à música, embaladas também pela voz de afeto de que conta leva as crianças durante toda a sua vida para o mundo imaginário e lúdico que é essencial para o seu crescimento humano.

Desde cedo, a narrativa faz parte da vida das crianças. A audição é o primeiro sentido a se desenvolver no embrião humano, ainda com três semanas de vida. E o som primordial ouvido dentro do útero é o tambor do coração da mãe, amplificado em sua propagação através do líquido amniótico (Velasco, 2018).

Mas ao crescermos não ficamos apenas no mundo das histórias, nem tão pouco no mundo da música utilizamos também o corpo, para dar mais vida as palavras como é o caso das cantigas de roda (que literalmente são cantadas e as crianças de mãos dadas fazem uma roda e seguem os comandos pedidos pela cantiga) a exemplo dessas cantigas lembramos: “a canoa virou”, “Pai Francisco entrou na roda”, “atirei o pau no gato”, “escravos de Jó”, “ciranda cirandinha” etc.

Outro ponto importante para reforçarmos o caráter lúdico da narração oral para crianças é lembrarmos que não se trata de um jogo competitivo, e que as crianças e os narradores estão do mesmo lado (Girardello, 2015).

E assim durante toda a infância a criança é permeada por esse mundo lúdico, em casa, na casa dos amigos e na escola. E a escola sabe muito bem utilizar a ludicidade para ensinar as crianças, utilizando cantigas de rodas, brinquedos pedagógicos, música, e aumentar o seu desenvolvimento e com esses elementos trabalha-se nas crianças o ritmo, o equilíbrio a memória, iniciação musical, leitura e a sociabilidade com outras crianças.

Nossos antepassados sabem muito bem como usar o lúdico e criavam suas próprias músicas e brinquedos: como é o caso do jogo das pedrinhas, pular corda,

carrinhos feito com rodas velhas e latas velhas, bonecas feitas de pano feitas à mão ou palha etc.

A vida está repleta de ludicidade basta que a gente não feche os olhos para ela; personagens do encantado presentes nas lendas, contos infantis com seus personagens mágicos, bruxas, fadas, dragões, duendes, princesas, príncipes, unicórnios, Saci Pererê, Curupira, cabra cabriola, todos nos levam a viajar, e atualmente não apenas nos livros, mas as grandes empresas cinematográficas já perceberam isso e criam desenhos, animes, pensando não só no público infantil, mas também nos adultos, pois muitas vezes esse papai e mamãe acompanham seus filhos ao cinema e também se divertem, nesse universo fantasioso.

É por esses motivos que devemos aproximar cada vez mais nossas crianças da ludicidade para o desenvolvimento psicossocial das crianças e para que tenhamos uma sociedade mais feliz, leve e criativa com a utilização da imaginação. Com certeza as nossas memórias lúdicas nos tornam pessoas mais saciáveis e mais humanas em qualquer sociedade do mundo.



Figura 5 Bonecos de Flora e Alecrim, criação da artista plástica bete Krisan  
Fotografia Pierre Pellegrine (acervo pessoal)



Figura 6 Flora e Alecrim em desenho (acervo pessoal)

### 3.3 POR QUE A LITERATURA JUVENIL É IMPORTANTE PARA O SER?

A literatura infanto-juvenil é um tipo de literatura pensado principalmente no público infantil e nos adolescentes, as histórias são escritas especialmente pensando nesse nicho de pessoas, e as histórias podem ser ficção, poema, contos, lendas, animes, mangás, quadrinhos e histórias da vida real também.

Na fase da infância além da contação de histórias temos uma vasta quantidade de histórias feitas para o público infantil, e muitas crianças são estimuladas desde a barriga da mãe a ouvir histórias; nas primeiras séries escolares as crianças são muito estimuladas também para ouvir histórias e com incentivo a aprender a ler, a alfabetização das crianças a leitura é fundamental para esse momento da infância.

As crianças se estimuladas e nessa fase a partir do interesse elas podem sim colocar a literatura infantil como um hábito, e esse hábito faz com que a crianças aumentem cada vez mais o seu conhecimento, aumento do seu vocabulário, estímulo a estudar outras disciplinas no ambiente escolar, mas para que isso aconteça, esse hábito precisa ser constante, nas escolas e em casa também e é com os pais que poderá estimular ainda mais essa cultura, os pais precisam ser exemplos, pois é através do exemplo que a criança e ao adolescente vão se firmando cada vez mais nesse hábito.



Figura 7 Ministrando oficina em São José da Tapera para professores multiplicadores (acervo pessoal)



Figura 8 - Ministrando oficina de contação de histórias para professoras da rede municipal da cidade de Pilar/AL, novembro de 2019 (acervo pessoal)

Os adultos precisam continuar contando histórias para as crianças, mesmo que elas cresçam e mesmo que elas aprenderam a ler o estímulo causado pela narração é fundamental segundo Abramovich (1997, p. 23) “quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las”.

Na adolescência será reforçado o gosto, hábito e estilo de leitura, mas não é só isso não, o jovem terá acesso a novas profissões, a resolução do dia a dia bem como problemas psicológicos entre outros milhares de aprendizado de acordo com as escolhas das leituras e a quantidade de livros lidos.

Nós adultos, pais, professores, tios entre outros temos a obrigação de incentivar o hábito de leitura para as nossas crianças, jovens, pré-adolescentes e adolescentes, precisamos incentivar a formação desse novo leitor, pois é sim na infância que todos os hábitos se formam e reconhecer a importância da literatura infantil é imprescindível e agir de forma ativa e constante.

A escola tem a função também de fazer com que os alunos conheçam novas obras e aumentar o seu estímulo a leitura segundo Zilbermann (2003, p. 25), “A escola passa a habilitar as crianças para o consumo das obras impressas, servindo como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo”.

E não poderemos deixar de citar que o lado lúdico é totalmente fortalecido com a leitura e as crianças ao leem viajam no mundo da imaginação. Não é à toa que se

fala tanto a frase: “quem lê viaja”, pois é através da leitura as pessoas conhecem vários lugares, cultura, história, povos etc.

A leitura e a Contação de Histórias, levam as crianças e os jovens a viajarem por mundo que talvez eles não tenham a oportunidade de um dia ir pessoalmente, mas o prazer e as descobertas de histórias de povos totalmente diferentes da nossa sociedade como é o caso da cultura árabe, indiana, judaica, africana entre outras. É sim através da leitura que aprendemos e o nosso jovem aprende a ser mais amável, humano e respeitar, cultura, religião, emocional.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

A criança ou o jovem ainda adquirem a gosto pela escrita, a imaginação aflorada passa a criar contos, romances, poesias, quadrinhas, crônicas etc. Colocando no papel ou computador os novos personagens, novas aventuras, novos lugares ou revisitam lugares já vistos em outros livros e assim vão crescendo cada vez mais intelectualmente.

E a literatura infantil ou infanto-juvenil sempre fez parte da humanidade, para divertir, alertar, precaver, imaginar, sonhar, se pensarmos nos Irmãos Grimm, as fábulas de Esopo, La Fontaine, Charles Perrout e Monteiro Lobato.



Figura 9 Feira literária da Livraria Leitura no Parque Shopping (acervo pessoal)



Figura 10 - Antiga Livraria Viva em Maceió ano 2016 (acervo pessoal)

E antes de ser escrita fazia parte da oralidade e era repassada como forma de afeto, mas também para ensinar seus filhos a não falar com estranhos, ser uma boa pessoa, fazer o serviço da melhor forma etc. tudo isso e muito mais estão dentro das páginas dos livros.

Na cultura africana os Griots, Djéis, os contadores de histórias antepassados e até hoje tem o hábito em suas tribos de contar histórias para toda a comunidade, as crianças já nascem ouvindo histórias e aprendendo os seus conhecimentos repassados pelos anciões ancestrais que fazem com todo amor e afetividade para os mais jovens. E eles crescem conhecendo tanto a sua própria história e sabendo valorizar e respeitar a sua cultura.

### **3.4 ORALIDADE, CONSTRUÇÃO E MEMÓRIA**

Ampliar o nosso olhar para as tradições foi uma das grandes lições aprendidas com as aulas da Gislayne Avelar, reforçar a oralidade através dos contos e bem como valorizar a ancestralidade todo o conhecimento que os nossos anciões continuam a nos repassar é uma das nossas missões como contadoras de histórias.

Ao lembrarmos as sociedades tradicionais que utilizavam os contos para ensinar, comunicar, bem como para fortalecer os pensamentos coletivos da época. Era

de grande importância para essas comunidades tradicionais os contadores de histórias, eles eram mestres, conselheiros e de grande importância para o seu povo, eram admirados pelos adultos e as crianças já eram ensinadas a respeitá-los através do exemplo.

Atualmente vivemos em uma sociedade consumista e midiática, que todos estão apressados e totalmente conectados a TV, redes sociais, celulares, jogos, aplicativos e conseqüentemente com essa correria tecnológica, a maioria das pessoas não estão valorizando momentos simples, como uma boa conversa, uma reunião de amigos, de familiares e que antigamente através desses encontros se compartilhavam histórias de vida, de familiares, histórias contadas por seus antepassados e eram nesses momentos que seus elos afetivos eram fortalecidos e havia também muita transmissão de conhecimentos e saberes.

Mas e nós nesse contexto atual como narradora? O que devemos fazer? E Como fazer? Em primeiro lugar devemos dar visibilidade aos nossos idosos que contam histórias, que ensinam trabalhos manuais, que tem conhecimentos de plantas e medicação natural, que ensinam rezas, que são parteiras etc. Devemos mostrar a importância dos nossos idosos, da nossa comunidade, da nossa família em qualquer momento que estejamos próximos a um idoso e se for em um momento de contação de histórias, dar espaço para que eles contem suas histórias também. Em segundo lugar devemos continuar o nosso ofício escolhendo bons contos que nos tragam afeto, que nos toque na alma, que toque o outro e que se possível ensine algo para nós. Em terceiro lugar não devemos desistir, e sim buscar cada vez mais formas de atrairmos esse público infanto-juvenil e tocar o público adulto, pois histórias são para todas as idades.

Em quarto lugar não devemos descartar as redes sociais, Facebook, Instagram e outras, devemos usá-los como novas ferramentas e devemos estudá-los para que consigamos agregar novos adeptos de contos, de histórias, de poemas, de poesia, de afeto.

Em quinto ir ao teatro, circo, apresentações da cultura popular, pois ali tem histórias e com certeza enriqueceremos o nosso repertório, de emoções, de lugares, de sensações, de pessoas, personalidades, enfim de muitas histórias, e no teatro também que vamos lá para ouvir, ver e sentir histórias contadas por atores como dos seus corpos emprestados para que os personagens ganhem vida através deles.

A oralidade continua sendo extremamente importante para o nosso lado humano, portanto, nós narradoras devemos criar pretextos e situações para que a através

desses contos continuemos fortalecendo o universo da narrativa oral, ou seja, devemos construir pontes entre o atual e o ancestral, e podemos iniciar em nossa família, nossa comunidade, nossa cidade, nossas redes sociais com nossos seguidores, assim estaremos sendo ativos e semeadores das boas histórias e com certeza colheremos bons frutos.

Devemos continuar estudando cada vez mais os contos populares, os contos mundiais, lendas, e trazer para que novas pessoas conheçam e se encantem com eles, fazendo com que as pessoas viagem nesse mundo lúdico e encantado das narrativas orais, mas, contudo não devemos deixar os novos contos esquecidos, por isso que devemos estudar sempre e com certeza diante da nossa experiência de contadoras de histórias poderemos criar novos contos de qualidade que falem de afeto, de amor, de paz, de respeito, de paciência, de humanidade. Diante do que estamos assistindo na nossa sociedade devemos sim compartilhar mais histórias que levem as pessoas a se colocar no lugar do outro com o intuito de que nossa sociedade atual reflita e repense com as histórias novas e velhas, assim como as sociedades tradicionais antigas aprenderam e deixaram suas histórias para que a gente absorva o melhor delas.

Pois é com todos esses conhecimentos e responsabilidades que os contadores têm de trazer para o universo da oralidade os novos jovens, mas para isso é necessário ensiná-los desde crianças criando meios e modos de despertar o interesse deles, para isso exemplificaremos no próximo capítulo com outra linguagem que é o cinema como essa ligação pode ser feita e a importância dela para a sociedade.

### **3.5 A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE PARA O JOVEM E PARA O IDOSOS**

O curta metragem “Dona Cristina perdeu a memória”<sup>8</sup> e o texto “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”<sup>9</sup> desde o início nos coloca no caminho do resgate da memória, reativando as lembranças da Dona Cristina (curta), uma senhora que mora em um abrigo e de Dona Antônia (texto), através das perguntas de uma criança curiosa que é o menino estamos diante de uma memória que vai reacendendo diante do nosso olhar de espectador.

---

<sup>8</sup> o link dos dados do filme se quiser <https://www.casacinepoa.com.br/os-filmes/produ%C3%A7%C3%A3o/curtas/dona-cristina-perdeu-mem%C3%B3ria.html>

<sup>9</sup> livro <https://educaemcasa.petropolis.rj.gov.br/uploads/arquivos/1633055146-livro-guilherme-augusto-ara-jo-fernandes-de-mem-fox-com-ilustracoes-de-julie-vivas-pdf.pdf>

O filme e o texto nos colocam diante de dois arquétipos, o da velha e o da criança (o jovem), o mais velho sempre nos ensinando, no caso da dona Cristina ela ajudou o menino a construir uma estrada, que tem como simbolismo a ponte que os uniu e foi construindo desde o início da relação de ambos. Essa estrada ou ponte carregada de simbolismos, ainda por cima em forma de espiral que faz a gente pensar na dinâmica vida que de jovem nos tornaremos idosos e assim é o ciclo da vida.

O filme faz um passeio histórico através das imagens apresentadas, desde os brinquedos, a exemplo do pato, que é feito de madeira de forma artesanal muito usado antigamente, provavelmente a Dona Cristina brincou com um desses brinquedos. E esse mesmo pato também fazia a passagem do tempo que eram os dias que a criança retornava ao encontro da senhora e os dois se divertiam trocando experiências, descobertas e afeto.

O menino andando de bicicleta no quintal sobre essa ponte que se constrói e sempre no mesmo horário que é o horário que a Dona Cristina sempre espera suas visitas e a única visita que ela recebe é visita desse menino nos coloca no universo entre o presente e o passado, o presente que é a relação dos dois que se constrói e a do passado são as lembranças que o menino aguça a memória dela com seus questionamentos.

O espectador viaja nessa relação de afeto dos dois e mexe com a memória desde a brincadeira do quintal, dos brinquedos de madeira, de construir coisas, de ouvir histórias, ou seja, a maioria dos espectadores sentem as mesmas emoções dos personagens, ou seja, a história cria uma relação de empatia com o público, a nossa lembrança de um avô ou uma avó contanto uma história oral ou de vida, fez parte da vida de muitas pessoas.

A oralidade se faz muito presente em ambos os casos, no texto para cada nome de cada personagem há uma breve história, criada a partir da rima, mesmo com esse pequeno trecho a vida de cada personagem no texto e no curta metragem os nossos pensamentos imaginam e visualizam cada personagem dito.

Há cada encontro ela usa da sua memória e conta mais uma história para o menino e isso os liga cada vez mais, e a memória dela e toda sua transmissão de conhecimentos é ativada a cada encontro, pois ela ganhou alguém que lhe ouvia e surge da parte dela um despertar cada vez maior para e suas memórias são acesas e vai colocando o seu conhecimento de vida no diálogo e simbolicamente na construção da estradinha.

Quando o menino vai utilizando vários nomes diferentes e que para ele parece uma brincadeira, mas cada nome diferente, ou seja, ele busca uma nova memória, ao menino usa da sua criatividade para incentivar a personagem Dona Cristina percebemos um elo entre o texto Guilherme Augusto Araújo Fernandes, que nos conta também a história de uma menino que quer compreender porque a personagem perdeu a sua memória, o texto já inicia com uma brincadeiras de palavras, com utilização de rimas que nos liga já de princípio com o texto, pois nos divertimos com o jogo de palavras do autor.

Ambas trazem objetos de valor afetivo e nos despertam lembranças e memórias às vezes esquecidas e que ao tocar, as histórias de vida de cada um se acendem é o caso das senhorinhas das nossas histórias, mas não só elas como as nossas lembranças de espectador também, pois cada pessoa traz consigo objetos de afetividade que guardamos com muito carinho e sentimentos. As duas histórias são também poéticas que nos faz valorizar coisas simples, mas que tem uma grande importância individual e afetiva para cada um que olhar com os olhos do coração.

O texto e o curta metragem nos levam a pensar que devemos dar mais importância a ancestralidade, aos antepassados e sua transmissão de saberes, e que anos de conhecimento e experiência que nossos idosos têm para nos ensinar e devemos valorizar ainda mais, com respeito e carinho assim como os personagens jovens conduziram as duas histórias para um lugar de mais conhecimento, trocas, vivência e sabedoria para ambos.

### **3.6 CURTA METRAGEM – CONTOS E LENDAS - COM OU SEM MÁSCARA O CONTO SE FALA**

No período da pandemia Covid 19 no ano de 2021, Pierre Pellegrine, o Alecrim contador de histórias relatou uma experiência com duas vizinhas, contadores de histórias tradicionais, dona Terezinha e dona Du, ele ia para a calçada delas usando sua máscara para ouvir histórias que ambas viveram e outras que ouviram de suas mães, avós e vizinhas nas suas infâncias, no dia a dia da vida da cidade do interior.

Elas compartilharam com ele toda essa vivência, seus saberes populares, desde o contar histórias até outros saberes como: fazer pé de moleque, plantar macaxeira, milho, fazer beiju, torrar café e tomar fresquinho na hora, ensinar o tempo

certo de plantar milho, feijão, ensinou ainda determinados tipos de plantas e suas funções para chá etc.

Esse compartilhar de saberes, que Pierre foi adquirindo em suas conversas, o deixou impressionado, pois essas experiências o mesmo ainda não tinha recebido de forma tão marcante, pois ele nasceu, cresceu e se criou na capital, e para ele era tudo novidade.

Nesse período ele foi ouvindo cada dia mais histórias e foi gravando seu áudio, com as narrativas de ambas e após isso veio a ideia de criar um roteiro para um curta metragem com algumas dessas histórias, como a lenda da Caipora, do fogo corredor, de Botija, de Lobisomem etc.

Algumas das histórias dessas duas mulheres têm como características é que elas fazem parte das histórias, como personagens ativos diferença é que em algumas histórias elas se colocaram dentro das histórias, como personagens ativas que viveram aquela experiência.

Com a vivência adquirida por Pierre e com esse roteiro, discutimos, debatemos essas histórias e achamos importante deixar gravado como registro no áudio visual para as futuras gerações, mas principalmente para as gerações da região de Marechal Deodoro, Alagoas local onde foram colhidas as histórias, difundindo e fortalecendo assim a oralidade da região. A importância do registro dessas histórias narradas por essas duas senhoras, além de fortalecer a cultura local, eleva a autoestima das mulheres.

Então, nós, através do edital de áudio visual publicado durante o isolamento da Covid-19, escrevemos e fomos agraciados com o prêmio Aldir Blanc, Elinaldo Barros e gravamos o curta metragem, “Com ou Sem Máscara o Conto se Fala”, que fala exatamente daquele momento que as pessoas iam para as calçadas a noite para ouvir histórias, costume esse que antigamente era muito comum, e que está se dissipando cada vez mais, porém o filme deixa registrado esse antigo hábito e claro as histórias, as lendas vividas por essas mulheres e que de forma inconsciente e intuitiva estão dando continuidade à tão rica oralidade nordestina.

Esse momento da gravação e mistura de linguagens: áudio visual, ficção, oralidade, encenação e o teatro de sombras, foi um período extremamente rico culturalmente e importante para nós como contadores de histórias, educadores, pesquisadores e artistas, pois nos colocamos também como semeadores mais uma vez da oralidade, porém dessa vez com outra linguagem artística. Nosso objetivo de que

essas histórias que são conhecidas em todo o nordeste do Brasil, por gerações mais antigas, precisavam se adaptar de uma forma que as crianças e jovens de hoje que estão tão conectados a celular, computador, notebook, tivesse acesso à linguagem da oralidade através do nosso filme.

Mesmo encontrando relatos e registros dessas histórias em vários outros estados do Brasil, por vários outros pesquisadores, folcloristas e devemos seguir com as pesquisas dos contos tradicionais e das lendas, pois com as novas tecnologias, podemos capturar os vários detalhes das histórias e com o áudio visual podemos eternizar os detalhes corporais do corpo e das nuances da voz etc. A busca de novos meios e formas de continuar com a tradição da oralidade e de fazer com que as histórias e lendas a nossa cultura continuem a se espalhar para essas novas gerações, e foi essa nova ferramenta que encontramos de deixar a voz dessas mulheres, nordestinas ecoando por muitos anos, por milhares de outras gerações através do nosso curta metragem.

Histórias que uma menina, uma criança, um dia ouviram de outra voz, de uma mulher do interior de Pernambuco com seus detalhes peculiares, que ao mesmo tempo essa história estava sendo contada no interior de Alagoas e de outras localidades do interior também é contada aqui por outra mulher, outra voz, continuado o seu legado de narradora, repassando o conhecimento dos seus antepassados, histórias essas que nos unem ao ouvi-las, como um fio invisível que interliga os corações dos ouvintes.

Temos certeza que ao assistirem o filme<sup>10</sup> serão despertadas por lembranças de alguma história que viveram, ouviram de suas avós, mães, madrinhas, mulheres, pois a maioria até mesmo devido ao fato delas executarem a tanto tempo na sociedade o papel da mulher educadora, cuidadora, a que cria os filhos e os netos e mesmo que nós mulheres já passamos na sociedade por várias transformações ainda temos essas funções acredito que hoje não pela obrigação, mas pelo carinho afeto e opção.

Falamos das mulheres, mas não significa que não tenhamos narradores homens, temos muitas e excelentes contadores de histórias, alguns que tive a hora de conhecer como Giba Pedrosa (SP), Luciano Pontes (PE), Marco Vanderlei (AL) o nosso saudoso Tony Edson (SE/AL) e o meu companheiro de histórias Pierre Pellegrine (AL), que é meu grande parceiro e usa o seu corpo e sua voz para contar histórias, a lista é extensa, mas por enquanto ficamos por aqui, para não sairmos do foco do projeto.

---

<sup>10</sup> Link do filme: <https://www.youtube.com/watch?v=Vygv67ge9Mo>

#### **4 HISTÓRIA ORAL: POR QUÊ? COM QUEM? PARA QUE?**

A humanidade ao longo dos tempos vem perdendo muitos hábitos que antes eram fundamentais para o ser humano, como contar histórias nas portas de casas, diante da fogueira, para os filhos antes de dormir, vem como outros hábitos de fazer copiosas manuais como crochê, tricô, bordado, culinária. Hábitos esses que são trocados por facilidades como as tecnológicas como um celular e que com ele fazemos tudo conversaram com as pessoas, assistimos, ouvimos histórias e até aprendemos outras novas coisas que eram feitas ao vivo, diante do outro para aprender. Até mesmo um bolo feito na hora com café e chá hoje compramos pronto, perdemos aquele momento do fazer enquanto conversávamos e o momento pós de relaxar na mesa da cozinha e conversar sobre a vida, sobre histórias de amigos, parentes e as nossas também.

Tudo é comprado, tudo é consumismo e vamos diante disso perdendo a nossa humanidade e convívio com o outro, essa perda para os idosos é ainda mais complexo, pois ele viveu o tempo anterior com mais completude para a vida e atualmente observa essa ausência, ausência de afeto, de diálogo, de conversa.

E pensando nesse nosso idoso, como forma de dar destaque para ele, e fazer também com que ele perceba a sua importância na sua trajetória de vida fazemos essa entrevista para que ele perceba o quão é importante para humanidade, o que já construiu e plantou na vida, mas o que ainda tem a acrescentar a humanidade.

A oralidade é algo tão latente em nós humanos tanto que sempre acalentou, ensinou, uniu pessoas e espalhou afetos e boas sementes. É isso que nós contadoras de histórias devemos dar continuidade e replantar novas sementes para a nova juventude. Devemos mostrar que esse momento da vida de só consumir nos levará a um vazio existencial, pois perderemos nossas referências humanas e não fortaleceremos nossas raízes familiares, de vida, humanas.

E nós devemos valorizar a memória dos nossos idosos que é dos nossos ancestrais, devemos valorizar os nossos idosos como sábios, assim como muitas tribos africanas ainda fazem e valorizar o saber deles com suas experiências e vivências. Existem também tribos indígenas no Brasil que ainda colocam o idoso em destaque, respeitando os seus saberes, a sua tradição e a sua oralidade. Devemos pegar esses casos como exemplo e inserir em nossa casa, nossa comunidade e espalhando esses

conhecimentos ancestrais para a nossa sociedade. E de que forma poderemos fazer isso, dando a palavras aos nossos anciãos, ouvindo e respeitando os seus saberes.

Pensando nesses idosos, na minha bisavó, que fazia renda de bilros, na minha avó, e minha mãe que também já é avó, fiz duas entrevistas para valorizar a palavra delas, a voz delas e um momento para refletirmos os seus conhecimentos e ensinamentos foi feita duas entrevistas com duas idosas, uma dessas é a minha mãe, a dona Valdeci e a outra a minha sogra a dona Però, pessoas essas que tem muitas histórias e conhecimentos para nos contar, cada uma com a sua forma de contar, com seus jeito e características específicas, mas que tem muito para nos oferecer e demonstram em suas falas muita afetividade. Segue dois registros resumidos do aprendizado com elas:

### **ENTREVISTAS**

Nome da entrevistada 2: Perolina Oliveira Menezes

Onde mora: Maceió - Alagoas

Cidade natal: Maravilha – Alagoas

Idade: 77 anos (05/04/1946)

1 - Atualmente a senhora trabalha com algo? Mesmo depois de aposentada?

A senhora gosta do que faz?

Trabalho com Crochê e aprendi ainda jovem, mas só comecei a praticar depois de aposentada. Hoje, sou aposentada e faço panos de patos, toalhas e muitas outras coisas, eu gosto muito do que faço e pretendo continuar fazendo porque me traz alegria e me distrai.

2 - Em relação a tudo o que a senhora faz ou fez? As pessoas lhe elogiam? A senhora se sente reconhecida pela juventude?

Eu já fiz muita coisa nessa vida, já trabalhei de tudo e sempre me esforcei para fazer bem-feito. Hoje faço o meu croché e trabalho na igreja como voluntária e recebo alguns elogios das pessoas da igreja e alguns elogios para o meu croché.

3 - Quem lhe ensinou o seu ofício? E quanto tempo que a senhora faz esse trabalho?

Eu aprendi croché vendo a minha mãe fazendo, mas não tinha tempo, na minha juventude trabalhei muito e só tive tempo depois de aposentada, eu tinha esquecido como fazer croché aí uma moça no ano que me aposentei e trabalhava

comigo me ensinou e hoje faço bastante croché. Aprender mesmo foi depois dos 70 anos, hoje vendo pano de prato e toalhas de croché, ainda tô aprendendo a fazer bolsas.

4 - Na sua vida o que a senhora mais aprendeu? Acha que está repassando esse conhecimento para alguém?

Aprendi a ter mais paciência e entender mais o próximo. Repasso esse conhecimento para os jovens vizinhos meus e o que aprendo com a igreja eu ensino também. Aprendo e repasso o que vou aprendendo sempre. E a bíblia conta muitas histórias que ensina.

5 - Na sua vida a senhora teve algum grande obstáculo que ensinou algo pra sua vida e que a senhora lembra até hoje?

A gente sempre tem problemas na vida, aprendi a sempre lutar e a não desistir de nada. Com a convivência com o próximo a gente tem mais aprendizado e com o passar do tempo aprendi a conviver melhor com as pessoas.

6 - Como a senhora se sente em relação ao seu trabalho e a sua vida antes de aposentar? A senhora mudaria algo?

Sobre o trabalho depois da área da saúde que foi onde aprendi muitas coisas importantes como calma, e como cuidar do outro. Trabalhei muito nova e depois de mais velha me interessei a estudar e terminei o segundo grau já com os filhos pequenos e trabalhando. Não mudaria nada, amei quem eu sou, quem eu me tornei.

7 - O que deixarei para as próximas gerações?

Sim, a força de tentar mesmo com filhos e com idade avançada, deixo o meu exemplo como força e vejo que meus filhos seguem o meu exemplo de alguma forma. E o meu croché ensino para algumas pessoas e já ensinei para algumas outras que hoje ganham um dinheirinho.

Nome da entrevistada 2: Valdeci Honório Apolônio Miranda

Onde mora: Maceió - Alagoas

Cidade natal: Angelin – PE

Idade: 70 anos (14/01/1953)

1 - Atualmente a senhora trabalha com algo? Mesmo depois de aposentada?  
A senhora gosta do que faz?

Sou aposentada, trabalhei muito na minha juventude, trabalhei de um tudo. desde serviços gerais até a cortar cabelo, costurar, bordar. Nossa muita coisa. Atualmente tenho uma lojinha de roupa que eu abri com a minha filha e gosto de ficar

lá conversando com quem chega. E nas horas vagas eu faço bordado e gosto de costurar.

2 - Em relação a tudo o que a senhora faz ou fez? As pessoas lhe elogiam? A senhora se sente reconhecida pela juventude?

Todo mundo que eu conto a minha história e de como eu mudei a minha vida, diz que eu sou muito inteligente e esperta. E que aprende comigo quando eu conto a minha história.

3 - Quem lhe ensinou o seu ofício? E quanto tempo que a senhora faz esse trabalho?

Minha mãe me ensinou a costurar, a bordar, a cuidar de casa e comida. Faço o meu trabalho desde os seis anos, a gente aprendia tudo desde criança, naquela época as crianças trabalhavam mais que hoje.

4 - Na sua vida o que a senhora mais aprendeu? Acha que está repassando esse conhecimento para alguém?

Tudo o que aprendi na minha vida, ensinei para os meus filhos e para quem me pediu que ensinasse, ensinei gente a cortar cabelo e a pessoa levou como profissão. A gente ensina, mas nem todo mundo quer aprender. Mas devemos ensinar. Ensinei também costurar na mão, na máquina, bordar, cozinhar e até limpar uma casa, eu ensinei.

5 - Na sua vida a senhora teve algum grande obstáculo que ensinou algo pra sua vida e que a senhora lembra até hoje?

Tive muitos obstáculos em todos os lados da vida, no trabalho, no casamento, com a família, mas eu sempre tentei buscar o melhor de cada situação. E quando a gente é novo parece que o problema não vai passar e depois a que a gente percebe que tudo é passageiro e que a vida continua.

6 - Como a senhora se sente em relação ao seu trabalho e a sua vida antes de aposentar? A senhora mudaria algo?

Eu acho minha vida boa, mas eu acho que eu poderia ter estudado mais. Mas também o que eu aprendi e sei de vida é mais do que muitos jovens com estudo de hoje. A experiência que nós velhos temos conta muito. Eu aprendi a cortar cabelo e comecei a pagar o meu INSS e depois me aposentei e isso foi inteligente, porque hoje tô aposentada e faço meu bordado quando eu quero.

7 - O que deixarei para as próximas gerações?

Eu vou deixar o meu exemplo, vou deixar o meu bordado, vou deixar as histórias que minha filha conta até hoje, ela virou uma contadora de histórias e ela sempre gostou de ouvir. Acho que ela aprendeu comigo. Ela diz que aprendeu comigo. Me vejo nos meus filhos fazendo coisas do jeito que eu ensinei, e agora também me vejo nos meus netos. Ah e vou deixar também o meu dom do comerciante que com esse jeito mudei a minha vida e da minha família pra melhor junto com o meu marido.

### **Relato de Experiência – Bethe Miranda**

Meu relato de experiência me fez perceber que essas duas mulheres são extremamente fortes e que passaram os seus ensinamentos para quem buscou relatar, faz com que a gente os coloque num local de maior importância, percebi que as duas gostaram de serem entrevistadas, no começo ambas ficaram acanhadas, sem entender por que entrevistar a vida delas, parecia que elas se questionavam, “porque me entrevistar” “porque eu”, então as primeiras respostas foram mais diretas e acanhadas.

Com o passar do tempo elas foram se soltando e eu como entrevistadora também me soltei mais, as duas entrevistadas depois das perguntas, falaram outras histórias de vida, de pessoas, de filhos, de lugares enfim percebi que elas se sentiram felizes em ter alguém que as ouvisse.

Percebi também que ambas tinham muito que ensinar e como foi bom para uma contadora de histórias no caso eu, estar vivendo aquele momento.

Com a minha mãe a dona Valdeci, tive a oportunidade de me avaliar enquanto filha e percebi que temos esse momento todos os sábados quando eu vou visitá-la e levo meus três filhos e ela faz um café, pastel feito na hora, ou um bolo e comemos da mesa da cozinha e falando de vários assuntos e sempre foi assim desde a minha infância até agora aos 45 anos de idade.

Percebi nas duas a força da mulher que toma rédea da sua própria vida, uma que volta a estudar com quatro filhos e outra que faz um curso de cabeleireira depois dos 35 anos com três filhos. E percebi nessas duas mulheres que elas não querem parar seja com o bordado ou com o croché ou com uma lojinha de roupas, são mulheres imparáveis.

E esses saberes de ambas as senhoras, foram repassados por suas mães e com certeza foi repassado de geração em geração.

Enquanto contadora de história me senti fortalecida ao aguçar meus ouvidos nesses dois momentos de entrevista e percebi que existem mais idosos com mais

histórias e nós narradores precisamos estar mais atentos para ouvi-los e aprender com suas experiências de vida.

Enfim, foi uma excelente experiência e eu me senti privilegiada de receber esses conhecimentos dessas duas supermulheres.

#### **4.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA EM ALAGOAS**

O contador de história em todas as épocas emprestou e empresta a sua memória para as histórias e para a manutenção da cultura das sociedades.

E onde estão os contadores de histórias contemporâneos? Onde estão os contadores de histórias de Alagoas?

Percebemos um grande aumento desse profissional das artes em todo o Brasil e em Alagoas não poderia deixar de ser também

Quando começamos o nosso processo de contação de histórias, por volta dos anos 90 na capital alagoana, quase não se via contadores de histórias nos meios teatrais, e era ainda pouco falado, começamos timidamente e ocupamos vários espaços artísticos e da educação (escolas, shopping, praças), tínhamos poucos livros como fonte de pesquisa, e devemos salientar que eram outros tempos, com a Internet passamos a ter mais acessos a livros, outros contadores de histórias com suas técnicas espalhados por todo o Brasil, o que percebemos que facilita para quem quer se transformar em um contador de histórias, o caminho inicial parece mais fácil que antigamente, há uns 20, 30 anos atrás.

Mas nos últimos anos houve um grande aumento de contadores de histórias de diversas origens vem crescendo cada vez mais, e quando falamos de origem não falamos somente do local de nascimento, da cidade desse narrador ou narradora, de como ele começou sua arte, exemplo, alguns vieram de universidades, outros de escola como professores ou professoras, outros surgiram de forma intuitiva, outros não, enfim, o que mais importa diante de tudo isso é a continuidade na narrativa, fortalecendo a oralidade, com as ferramentas que cada um ache necessário, ou se sintam confortáveis, com música, com cenário, com figurinos, com maquiagem ou não, desde que o seu ofício continue fazendo a sua função da melhor forma possível.

Citamos aqui alguns narradores de Alagoas dos últimos anos que exercem o ofício, cada um com suas características próprias, trejeitos, formas e nuances corporais e das suas vozes: Fátima Maia, Meire Deyse, Linete Matias, Cristian Honda, Rochelli

Messias, Carmen Freire (Tia Cacau), o Cravo (Arnaldo Ferjur), Ronaldo Freire, Marco Vanderlei, Cia. Literando, Marcinha Câmara, Adriana Chalupe, Tony Edson, Pierre Pellegrine, Bethe Miranda - Flora (essa que vos fala) etc.

O que vemos em cada narrador citado é que alguns misturam técnicas, outros usam mais a música, outros gostam de usar outros elementos, outros tem uma teatralidade maior, alguns com figurino outros não, como já citamos cada um de acordo com o que se sente mais confortável, lembrando que o que deve prevalecer é a histórias, a voz e suas modulações.

A criação de novos editais vem contribuindo para que os profissionais existentes realizam apresentações e que continuem com suas pesquisas e abrindo novos espaços de interação, troca, descobertas, nesse campo artístico. Os editais propiciam também que novos contadores, atores e ou artistas surjam inspirados pelas narrativas dos contadores de histórias e contadoras que mostrando seu trabalho reverberem acordando, despertando o lado contador de que os assiste.

Mas não podemos deixar de colocar que ao escolhermos ser contadores de histórias como profissão não podem parar de estudar e buscar cada vez mais conhecimentos e técnicas para que as histórias sejam bem contadas, o cuidado e zelo com elas é fundamental para essa arte ainda em busca de espaço no meio cultural.

Outros locais que os contadores de histórias contam são em hospitais, levando felicidade e porque não dizer mais saúde para as crianças e adultos - estudos comprovam que o riso e atitudes de carinho trazem mais saúde para as pessoas que se deixam contagiar pelos sorrisos.

## **4.2 COMO SURGE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS - ENTRE PINOS, BOLICHES E MÁGICOS**

Em um domingo nos anos 90 quando os shopping centers eram fechados, e estava iniciado projetos para que começamos abrir aos domingos, Marco Antônio um diretor teatral e produtor cultural contratou a mim a vários atores para fazer uma animação no shopping, eram diversas atrações, tinha atores, um contador de histórias, personagens infantis famosos, arte educadores e havia uma bola de boliche gigante e dois pinos de boliches gigantes, eu era um pino de boliche (das coisas que os atores fazem para ganhar dinheiro e pagas os boletos), a brincadeira era: eles andavam pelo shopping e se o boliche encontrasse os pinos derrubaria os dois. Assim foi a tarde quase

toda, até que tivemos um intervalo para descansarmos e lancharmos. Aí o diretor olha para mim e diz:

- Bethe você vai contar histórias depois do intervalo.

Eu nunca tinha contado histórias até aquele momento desesperador para uma jovem atriz.

- Como assim? Marco eu não sei contar histórias...

- Dá um jeito. Porque eu e Alexandre Branco (um ator da época) vamos pegar o mágico que não estamos conseguindo entrar em contado. Alexandre tira o figurino e passa para Bethe.

Assim peguei aquele figurino ensopado de suor e fui contar histórias, não sabia de nada, ou quase nada. Mas lembrei das clássicas, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e Os Sete Anões, os Três Porquinhos, Cinderela, Rapunzel etc.

E foram essas que contei, e me apaixonei. Esqueci o figurino suado, não lembro se acharam o mágico, mas sei que amei o que fiz e percebi que o público também gostou e assim nesse louco dia nasceu uma contadora de histórias.

É por isso que quando ministro oficinas, sempre incentivo as pessoas a contar histórias e falo que todos nós temos um contador de dentro de nós, escondidinho no nosso coração e louco para aparecer e emocionar as pessoas e a sua voz se libertar e se espalhar com o vento, e tocar nos corações e despertar o imaginário adormecido e se espalhar pelo mundo.



Figura 11 Minha primeira experiência (acervo pessoal)



Figura 12 participação em evento (histórias sobre meio ambiente) (acervo pessoal)



Figura 13 Contação de histórias - escola infantil Pingo de Gente (acervo pessoal)



Figura 14 Feira de Livro do Sesc 2003 (acervo pessoal)



Figura 15 Feira do livro Sesc 2003 (acervo pessoal)



Figura 16 Feira do livro Sesc (acervo pessoal)



Figura 17 Flora e Alecrim no Shopping Cidade – 1998 (Acervo pessoal)



Figura 18 espetáculo “As Histórias do Macaco Tico e Dona Onça (com Carmem Freire (tia Cacau) E Marco Vanderlei) – Teatro Deodoro 2017 (acervo pessoal)



Figura 19 Flora e Alecrim – Teatro 7 de setembro – Penedo/AL -2005 (Acervo pessoal)



Figura 20 Flora e Alecrim – Teatro 7 de Setembro – Penedo/AL -2005 (Acervo pessoal)

## CONCLUSÃO

O uso da intuição, da memória emotiva e outros parâmetros usados pelo contador de histórias, é análogo aos utilizados pelo ator, tais como o gesto, a voz e a capacidade de lidar com o emocional. Ele interage com o público de inúmeras formas: criando imagens, trabalhando com o imaterial e induzindo a plateia a acreditar em sua sugestão, apresentando-a à lugares e personagens. Ele lida simultaneamente com o consciente e o inconsciente de quem lhe assiste.

Contar histórias é uma tradição de origem imemorial, que guia a cultura e modifica o meio onde atua. Podemos dizer que o mesmo acontece com o teatro, pois ele também acumula funções como informar, educar e transformar.

Existe entre o ator e o contador de história uma tênue linha que se perde na definição dos nichos de ambos. Nesta nebulosa interseção reside o objetivo desta pesquisa. Este é a fronteira que visamos compreender, transcrever e traduzir, já que o ator contemporâneo, em sua necessidade de aprimoramento, precisa transpor seus limites físicos, mentais, pessoais e porque não dizer, espirituais. Quando qualquer profissional chega ao que julga ser o topo de sua montanha, nada mais resta a não ser descer dela, retornando à condição de aluno, e buscar uma nova e mais alta montanha para escalar.

Observamos então que as semelhanças são grandes: o interior, os objetivos, o corpo, a voz, a angústia, a preparação prévia. Enfim, são tantas semelhanças que precisamos aliá-las a educação, a arte contemporânea e explorá-la para que as novas gerações cresçam com acesso a essa tão antiga tradição.

O fato de que a arte de contar histórias, juntamente com a arte de fazer teatro, é uma fonte incomensurável de enriquecimento para a humanidade.

Não podemos ainda esquecer a importância dos contadores de histórias tradicionais de Maceió, sua influência, sua forma de contar, suas histórias que foram e são repassadas através da sua oralidade. A importância de a sociedade considerar e dar a sua devida importância para a cultura, reconhecendo esses artistas tradicionais e suas histórias (de vida e seus contos mais contados), bem como suas técnicas de narrativa, corporal e teatral (inconsciente).

As novas fontes de conhecimento e divertimento existentes na atualidade estão cada vez mais ignorando as artes, a leitura, a dança, a música, e o mais importante:

os conhecimentos ancestrais, que são passados principalmente de forma oral através dos tempos, de geração em geração.

O enfraquecimento da cultura e da educação deve ser combatido. O tempo e o descaso foram lentamente direcionando os saberes populares, a apreciação da arte, a história dos povos, e pôr fim a cultura tradicional, ao esquecimento. Cada vez mais se dissiparão, e faz-se necessário despertar as novas gerações sensibilizando e consciencializando para o resgate destes conhecimentos.



Figura 21 - Festa do Dia das Crianças da vila dos pescadores - praia do Sobral - (acervo pessoal)



Figura 22 - Bienal Internacional do Livro de Alagoas. ano: 2019 (acervo pessoal)



Figura 23 Banner de divulgação da Flipenedo - ano: maio de 2023 Fotografia: Renner Boldrino



Figura 24 - II Flipenedo - Festival Literário da cidade histórica de Penedo/AL maio de 2023 (acervo pessoal)



Figura 25 Oficina de contação de histórias para atores no CEPEC/AL Março de 2023  
Fotografo: Romeo produções



Figura 26 Oficina de contação de histórias para atores no CEPEC/AL Março de 2023  
Fotografo: Romeo produções

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Spione, 1997.
- ABREU, Luiz Alberto de. **A Restauração da Narrativa**, artigo. Disponível em: [https://www.sesipr.org.br/nucleodedramaturgia/uploadAddress/A%20Restauracao%20da%20Narrativa\[24539\].pdf](https://www.sesipr.org.br/nucleodedramaturgia/uploadAddress/A%20Restauracao%20da%20Narrativa[24539].pdf)
- ARTAUD, A; **Linguagem e Vida**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- AVELAR, Gyslane. SORSY Inno. **O Ofício do Contador de Histórias**, São Paulo: Martins Fontes. 2009.
- BEDRAN, BIA; **A Arte de Cantar e Contar Histórias-** narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro, 2012.
- BENJAMIM, WALTR. **Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura**. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BETTELHEIM, B.; **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BREVES, T; **O livro da imagem – um (pre)texto para contar histórias**. Imperatriz: Ética, 2000.
- BUSATTO, C; **Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- BUSSATO, CLÉO; **A Arte de Contar Histórias no Século XXI**. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.
- CASCUDO, C.; **Contos Tradicionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- CHEKHOV, M; **Para o ator**. São Paulo: Martins Fontes, 1996
- COSTA, F. M.; **Os grandes contos populares do mundo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- GIRARDELLO, GILKA. **Uma Clareira no Bosque - Contar Histórias na Escola**. Local: Papyrus, 2015.
- MACHADO, R; **Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: companhia das Letras, 1997.
- MACHADO, REGINA; **A Arte da Palavra e da Escuta**. São Paulo: Revira volta, 2015.
- MAGALDI, S; **Panorama do teatro brasileiro**. São Paulo: Global, 1997.

- MATOS, GISLAYNE AVELAR; **A Palavra do Contador de Histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MATOS, GISLAYNE AVELAR; **O Ofício do Contador de Histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MEDEIROS, FABIO HENRIQUE NUNES; **Contar Histórias - Uns Passarão e Outros Passarão**. Santa Catarina: Univille, 2015.
- MEDEIROS, FABIO HENRIQUE NUNES; **Contação de Histórias: Tradição, Poéticas e Interfaces**. São Paulo: Sesc, 2015.
- MIRANDA, N; **200 jogos infantis**. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda., 1993.
- MORIN, E.; **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 3ª edição 2001.
- PATRINI, Maria de Lourdes. **A Renovação do Conto. Emergência de uma Prática oral**. São Paulo: Cortez, 2005.
- PROENÇA, G; **História da arte**. São Paulo: Ática, 2002.
- PROPP, V.; **As Raízes Históricas do Conto Maravilhoso**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SISTO, C; **Textos e Pretextos Sobre a Arte de Contar Histórias**. Curitiba: Positivo, 2005.
- SLADE, P.; **O Jogo Dramático Infantil**. São Paulo: Summus, 1978.
- SPOLIN, V; **O Jogo Teatral no Livro do Diretor**. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- VELASCO, CRISTIANE. **Histórias de Boca - O Conto Tradicional na Educação Infantil**. Local: Panda Educação, 2018.
- STANISLAVSKY, C; **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.

## **APENDICE**

Compartilho aqui alguns projetos que estive envolvida e criei e que dialogam diretamente com esse TCC

### **1 - PROJETO CARROÇA DAS HISTÓRIAS**

“A Carroça das Histórias” é um projeto que mistura teatro e contação de histórias voltado para o público infantil. No espetáculo, os personagens Flora e Alecrim, interpretados pelos atores Bethe Miranda e Pierre Pellegrine, viajarão pelo mundo imaginário e lúdico levando uma carroça cheia de livros, contando histórias inspiradas na cultura popular e realizando troca de publicações. As histórias contadas terão como pano de fundo as músicas de folguedos alagoanos como o guerreiro, pastoril, chegança, xaxado, coco de roda, embolada, além de cantigas de roda, como forma de valorizar a riqueza folclórica do estado.

#### Objetivo geral

Esse projeto tem como objetivo montar um espetáculo de contação de histórias com cenário, figurinos, adereços, a própria carroça que servirá como cenário para as apresentações que poderão ser contadas em qualquer espaço sendo (fechado ou aberto), ou seja, poderá ser apresentado tanto nos teatros como em escolas, ruas, praças etc.

O projeto “A Carroça das Histórias” pretende incentivar à leitura e difundir a cultura popular alagoana, despertando a valorização cultural pois as histórias que serão contadas durante os espetáculos serão histórias nordestinas e serão contadas para crianças, através das atividades de contação de histórias baseadas em contos, lendas, fábulas, folguedos e parlendas do imaginário popular.

#### Objetivos específicos:

- Montar o espetáculo de contação de histórias - “Carroça das Histórias” (criação, elaboração e montagem)
- Despertar o interesse do público (adultos e infantil) para a tradição oral;
- Valorizar através da tradição oral (contação de histórias) a pertencimento

da identidade alagoana/nordestina;

- Promover o estímulo à leitura e à oralidade através da troca de livros e da contação de histórias;

- Formar novas plateias para a contação de histórias e teatro

- Despertar o interesse do público infantil para visitar as bibliotecas públicas;

- Valorizar a riqueza do folclore alagoano por meio da divulgação da musicalidade e personagens dos folguedos;

- Permitir a interação entre o público, fortalecendo as relações humanas, pois as crianças serão incentivadas a levar livros usados para serem trocados com outras pessoas ao término das apresentações.

O contador de história tem o domínio de vivenciar esse mundo lúdico, em suas encenações e interação com o público e representação teatral. Nossa carroça levará histórias para as escolas das comunidades mais distantes, com difícil acesso a cultura.; e a cada caminho que ela fará aumentará o objetivo que é mudar a visão que o mundo não é apenas tecnológico e sim cultural (literários pois acalenta).

O projeto da carroça das histórias. atingirá uma quantidade de escolas e de alunos de comunidades distantes e com difícil ou nenhum acesso à cultura. O projeto carroça... além de despertar o interesse pela leitura, incentiva as visitas as bibliotecas, livrarias e feiras de livros de uma forma prazerosa.

O projeto tem também foco a formação de novas plateias tanto para o teatro como para a contação de histórias. Tratando também dos folguedos alagoanos como por exemplo o guerreiro que muitos jovens e crianças não conhecem, e o nosso intuito é fazer com que reacendo o hábito de prestigiar nossa cultura popular alagoana.

“A Carroça das Histórias” É um espetáculo de contação de histórias com os duas personagens que são Flora e Alecrim (Bethe Miranda e Pierre Pellegrini) que contarão histórias pesquisadas da oralidade alagoana dos contos, lendas, fábulas, parlendas etc. e destaca também utilização de músicas do nosso folguedo divulgando mais uma vez a cultura alagoana no espetáculo, como: cantiga de roda, guerreiro, pastoril, chegada, xaxado, coco de roda, embolada.

Flora e Alecrim viajam pelo mundo imaginário levando uma carroça cheia de livros que além de contar as histórias farão entre o público uma troca de livros, pois antes das apresentações acontecerem nas escolas, haverá uma campanha para arrecadar livros, o público será incentivado a levar um livro seu para ser trocado com de outra

pessoa ao término das apresentações.

As crianças de hoje estão acostumadas com o um mundo virtual de tecnologias, notebook, Iphone, redes sociais e muitas delas não conhecem as histórias da sua própria cultura. E estão cada vez mais cedo perdendo o hábito da leitura.

E por isso nós como os contadores de histórias criamos o projeto “A Carroça das histórias” para fomentar, difundir e despertar o interesse de nossas crianças atuais para o ato de ler e de conhecer a sua própria cultura, através das histórias e dos folguedos alagoanos.

OBJETIVOS Específicos:

- Incentivar através da contação de histórias o hábito da leitura;
  - Formar novas plateias para a contação de histórias e teatro;
  - Despertar o interesse do público infantil para visitar as bibliotecas públicas; literatura
- Incentivar através das trocas de livros o aumento do conhecimento da literatura e da contação;
  - Fortalecer as relações humanas através da contação de história e das trocas de livros;
    - Fomentar a cultura alagoana através de conhecimentos das músicas dos folguedos alagoanos.

## **2 PROJETO GUERREIRO AMADO**

Nosso projeto guerreiro amado consiste na edição, impressão, confecção, reprodução, publicação e divulgação de lançamento de 400 livros de aproximadamente 30 páginas, para o público infanto-juvenil, do nosso projeto/história “Guerreiro Amado”.

Esse projeto nasceu da necessidade de criar histórias voltadas para a valorização da nossa identidade sociocultural. Percebemos durante as nossas andanças de “Flora e Alecrim” contadores de histórias, representados por Bethe Miranda (Flora) e Pierre Pellegrine (Alecrim) que muitas crianças não conhecem os nossos folguedos,

como o coco de roda, o pastoril, o guerreiro entre outras. Então inspirados na música de guerreiro das Alagoas “Guerreiro, cheguei agora, nossa senhora é nossa defesa...”.

Escolhemos o trecho “eu esse ano vou pra Maceió, vou pro farol guerreiro campeão, eu vou rever o meu guerreiro amado, vou dançar xaxado na televisão...” para criar a história de José e Maria, esses personagens começam crianças, mas são filhos de mestres que durante a história desejam perpetuar, ou seja, continuar com a cultura que vivenciaram durante suas infâncias e trazidos por seus pais. A história traz uma poética reforçando a valorização da nossa cultura e da nossa terra Alagoas. Os personagens valorizam tudo o que é alagoano, reforçando para os leitores como é maravilhosa a nossa cultura e levam os leitores que não conhecem a despertarem o interesse pela nossa cultura, artesanato, praças, praias, mestres e folguedos.

É um texto que encanta tanto, as crianças, como os jovens como os adultos.

A ilustração terá uma mistura de desenhos criados por crianças em nossas oficinas de contação de histórias e literatura.

Segue abaixo a história pensada e criada para o projeto.

### **GUERREIRO AMADO (HISTÓRIA)**

Autores: Bethe Miranda e Pierre Pellegrine

Era uma vez uma família feliz e unida. José o pai, Maria a mãe. Tião o filho mais velho e Aninha a filha caçula.

Essa família gostava de tudo que é da sua terra, a terra das Alagoas. Amavam tudo, suas igrejas, suas praças, suas praias. AH! As praias .... da cor do mar azul piscina. Das mais lindas que já viram.

- Deus caprichou nas praias daqui, fez tudo com perfeição divina - pensa José.

Amavam também o artesanato: o filé, o bordado, o crochê... Gostavam também das comidas típicas como o sururu, a tapioca, o massunin, o siri, a cocada... Praticamente gostavam de tudo o que a sua terra lhe proporcionava.

Mas o que eles amavam mesmo era a cultura popular, o folclore alagoano: a Marujada, o Boi, a Chegança, o Pastoril, o Guerreiro...

Ah! O Guerreiro!...

Todo fim de tarde José, sua esposa e seus filhos iam para o Guerreiro, assistir e dançar nas apresentações lá no alto da Chã de Bebedouro ou iam para o Guerreiro da Chã da Jaqueira. Esse era o dia mais feliz de sua vida, pois ele se lembrava de seu pai que dançava desde quando ele era pequenininho.

Quando José era ainda uma criança seu pai o levava para acompanhá-lo nos ensaios do guerreiro e passavam a tarde inteira aprendendo cantar as músicas, tocando os instrumentos e dançando os passos da dança folclórica. José se acostumou com aquela vida. De tanto acompanhar seu pai nos ensaios ganhou um figurino para dançar também. Esse dia foi uma alegria só, os olhos do menino encheram de lágrimas de tanta felicidade e emoção.

E foi numa dessas apresentações que ele conheceu a Maria.

Maria gostava também das mesmas coisas que José, mas tinha uma que ela gostava mais desde criança, que era o pastoril. Ela conhecia todos os personagens do pastoril, o pastor, a cigana, a borboleta, as meninas do cordão azul e as meninas do cordão encarnado. Já tinha dançado vestida de quase todos os personagens, menos uma que era o seu grande sonho, que era a Diana, ela sonhava ser a Diana e ficar dançando no meio dos dois cordões, o encarnado e o azul. E um dia ela conseguiu realizar esse sonho, ela estava linda, vestida com um vestido rodado, as cores eram uma parte vermelha e outra azul, ela estava majestosa, radiante, seu sorriso ia de um canto a outro, suas pernas pareciam dançar mais que todas, era a Diana mais bela do pastoril do Bom Parto, que era o bairro que tinha uma grande história desse folgado.

E foi nesse dia que José, depois de uma apresentação, estava todo bonito vestido de guerreiro. Ele estava muito orgulhoso esse dia, estava se sentindo tão importante parecido com seu pai, com seu avô... E com tanta felicidade foi assistir uma apresentação de pastoril do Bom Parto e quando seus olhos se encontraram pela primeira vez com Maria... Foi amor à primeira vista. Parecia que só existiam os dois e ninguém mais. Eles se olhavam tanto, que parecia que nem piscavam.

Para José os olhos de Maria pareciam duas estrelas brilhantes E a voz de Maria parecia o canto de uma sereia. Maria foi o primeiro amor de José. E José o primeiro amor de Maria.

E depois desse dia nunca mais se separaram, sempre esperando o dia de se encontrarem nas apresentações do Natal e do Dia do Folclore e qualquer outra que

pudessem se reencontrar e conversar.

E o tempo! E o tempo foi passando, passando e passando.

E eles nunca se separaram.

Quando ficaram mais velhos começaram a namorar, depois noivaram e finalmente se casaram. Escolheram para casar-se no dia de Santo Antônio, por ser o santo casamenteiro e também por causa das comidas típicas da terra. Foi uma festança só.

E o tempo que nunca para mais uma vez foi passando, passando e passando. E nasceu o primeiro filho, Tião. Depois de mais alguns anos nasceu Aninha, a caçulinha.

José ia com sua própria família para o Guerreiro, ele fazia a mesma coisa que seu pai fez com ele. E num é que as crianças também gostavam! Para elas era uma grande alegria.

E José? Ah! José trabalhava numa empresa durante a semana para sustentar a família, porque com o Guerreiro ele não ganhava muito dinheiro. Ele não se importava, pois dançava por amor. Amor à cultura. Amor à arte. Ele era feliz assim.

José ficava triste quando se lembrava de seu pai, que ensinou tudo o que sabia. É que agora estava fazendo festas com o Porteiro do Céu, São Pedro.

Um dia José chegou para a sua mulher muito triste e disse:

- Mulher! Fui transferido pra São Paulo, as coisas não vão bem.

- Vixe! Eu não queria sair daqui. Gosto tanto daqui. Como vou ficar longe da nossa terra? Longe do meu pastoril?

- Não tem jeito! A gente tem que ir. Vai ser bom a gente juntar um dinheirinho e voltar pra cá. Sei que não vai ser fácil nem pra gente, nem pras crianças. E meu coração já tá apertado só em pensar em deixar o meu guerreiro amado...

Maria não ficou muito feliz. Mas também nunca pensaria em deixar o seu marido, seu grande amor ir para outra cidade sem ela. Aquela noite os dois se abraçaram e foram dormir.

No dia seguinte, arrumaram suas malas... A tristeza era grande. Mas a esperança era o que eles tinham de mais forte.

No rosto de cada um deles escorriam as lágrimas de seus olhos e a tristeza era tão grande que ninguém falava.

Na rodoviária, pegaram o ônibus para São Paulo.

Chegando lá, não gostaram da cidade. Para eles, o céu era de um cinza tão

triste e os prédios eram tão grandes que tapavam os raios de sol. Quando chovia caia gelo do céu. E também raios e trovões que fazia medo.

Maria desabafava:

- Aqui é um povo tão apressado. Quase ninguém conversa com ninguém.

Gostei não! Vamos simhora? Vamos voltar pra nossa terra?

- Eu bem que queria, mas, ainda não dá. Precisamos juntar um dinheirinho pra gente voltar.

Mas o tempo dono de todas as histórias prevaleceu. E passou, passou, passou...

E na véspera de Natal José disse que tinha uma surpresa:

- Maria! ...Eu esse ano vou pra Maceió.

Maria sorrindo e chorando emocionada respondeu:

- Vou pro Farol, Guerreiro Campeão.

E os dois juntos completaram:

- Eu vou rever o meu guerreiro amado eu vou dançar xaxado na televisão.

- Ôxente José deixe de conversa.

- È isso mesmo Maria, juntei o décimo terceiro e comprei nossas passagens De avião...

Foram correndo arrumaram as coisas, e colocaram o pouco que conseguiram dentro. Pegaram as crianças e foram para o aeroporto.

No caminho encontram com outra família nordestina, que como eles foram tentar a vida na cidade grande e não aguentaram também de tanta saudade. Foram conversando animados a viagem inteira.

Dentro do avião foi uma festa danada. As crianças não sabiam mais onde colocar tanta felicidade junta.

Cada um se sentou em uma poltrona. lá do céu puderam apreciar a beleza da terra. Só que de cima. Foi a primeira vez que haviam andado de avião. era uma mistura de medo, com felicidade, com ansiedade, até com dor de barriga.

O voo chegou noitinha. O céu estava limpinho, limpinho. E as estrelas brilhavam todas para eles.

Quando seus pés pisaram em terras alagoanas as meninas foram logo cantando.

“Boa noite meus senhores todos.  
E boa noite senhoras também.  
Somos pastoras. pastorinhas belas,  
E alegremente vamos a Belém.  
Somos pastoras,  
Pastorinhas belas.  
E alegremente,  
Vamos a Belém...”

E o engraçado é que as cores das roupas das meninas eram o azul e o encarnado. Foi uma festa só. O povo que ia passando ia cantando, dançando e se alegrando com as meninas.

Mas chegou uma hora que a festa tinha que acabar. Porém, não para sempre, pois a mãe falou que as levariam para dançar o pastoril Menino Jesus da Cambona.

Chegando à casa desmancharam as malas. Mataram a saudades de quem tanto gostavam e descansaram.

Ao amanhecer se ajeitarem e foram correndo para o guerreiro do alto da Chã de Bebedouro do Mestre Benon. Foi lá que os homens dançaram, se divertiram e todos cantaram de tanta felicidade.

“Eu este ano, vou pra Maceió,  
Vou pro Farol guerreiro campeão.  
Eu vou rever o meu guerreiro amado.  
Eu vou dançar xaxado na televisão.  
Guerreiro. Cheguei agora,  
Nossa senhora é nossa defesa.  
Guerreiro. Cheguei agora,  
Nossa senhora é nossa defesa...  
Oh minha gente dinheiro só de papel,  
Carinho só de mulher e capital só Maceió...”

José e Maria pareciam duas crianças, se divertiam mais que seus filhos. Ou eram seus filhos que se divertiam mais que seus pais? Bem, isso não importa.

O que importa é que depois desse dia eles foram mais felizes, pois estavam de volta as terras que tanto amavam e de volta para a sua cultura. A rica cultura alagoana!

(Trechos da música: Guerreiro e Pastoril (ambas de domínio público))

FIM

### 3- COMPADRE POBRE E COMPADRE RICO – A HISTÓRIA DA PEDRA CRISTALINA.

Adaptação: Bethe Miranda

História contada por sua mãe Valdeci Honório Apolônio.

Era uma vez, dois compadres, um compadre era muito, mas muito rico, esse tinha muito dinheiro, porém nunca estava satisfeito sempre queria mais e mais. O outro compadre já era o contrário ele era muito pobre, ele era tão pobre, mas não pobre que mal tinha o que comer. O compadre sempre ia à casa do compadre rico atrás de comida ou de trabalho, comida, coitado, ele só recebia os restos. E trabalho naquela região era muito difícil encontrar trabalho.

Um belo dia o compadre pobre foi pedir os restos da comida do compadre rico, quando chegou a sua casa o compadre rico disse:

- Compadre não tem comida e nem tem restos de comida pra você não, vá procurar um trabalho que é o melhor que o senhor faz.

- Mas compadre rico, o senhor sabe que não ta tendo trabalho pra ninguém nessa época, se tivesse eu estaria trabalhando. O que eu vim aqui lhe pedir é só o resto de comida que sobra dos pratos.

- Mas eu já falei que não tem.

O compadre pobre baixou a sua cabeça e saiu por pensando no que iria fazer, pois agora ele não tinha nem mais os restos de comida de antes.

Andou, andou, andou e aí pensou em tentar caçar, porém a região onde ele morava era muito seca e é difícil de encontrar bichos para se caçar, mesmo assim ele foi, quem sabe não encontraria um tejo, quem sabe um gafanhoto perdido por entre a caatinga.

Então continuou andando, andando, andando foi quando ele percebeu uns homens estranhos montados em cavalos, homens que ele nunca havia visto. O compadre se escondeu atrás de um grande lajedo, e ficou esperando eles sumirem. Seus olhos observavam atentamente, cada gesto, cada movimento, suas roupas. Todos eles estavam armados e o compadre pobre percebeu que seus cavalos estavam com os seus caços cheios de ouro, que reluziam diante de seus olhos.

Compadre pobre depois que viu o dinheiro ficou com mais medo ainda, pois aqueles homens poderiam ser ladrões, assassinos, enfim pessoas más.

Sem mais nem menos eles pararam diante de uma grande pedra, olharam ao redor para observar se não tinha alguém por perto, depois que verificaram que não tinha nenhum perigo um deles olhou para a pedra e disse:

- Abre-te pedra cristalina.

Diante dessas palavras a pedra se abriu e os homens entraram e depois de umas duas horas voltaram com seus animais vazios, eles haviam descarregado os caços.

O compadre ficou lá esperando, curioso, a saída daqueles homens. E quando eles saíram da pedra o compadre venceu o medo, esperou que eles se afastassem bastante, chegou diante da pedra e repetiu as palavras mágicas:

- Abre-te pedra cristalina.

A pedra se abriu. O compadre pobre entrou e viu que lá dentro tinha uma imensa quantidade de ouro, tinha joias, moedas de ouro, diamantes, esmeraldas era tanto dinheiro que o compadre pobre ficou ali parado um tempão sem saber o que fazer, até que ele teve a ideia de pegar um pouco de dinheiro, pouco para que eles não percebessem. Pegou o dinheiro encheu os bolsos e uma sacolinha de algodão cru. Pegou e voltou até a pedra e mais uma vez disse as palavras:

- Abre-te pedra cristalina.

A pedra se abriu mais uma vez, o compadre foi embora e nunca mais voltou para aquele lugar. Comprou uma terrinha, comprou uma casinha e fez uma plantação de roça. E a partir daquele dia nunca mais precisou ir até a casa do compadre rico pedir seus restos de comida.

Mas o tempo foi passando, passando e passando e o compadre rico estava estranhando e sentindo a falta do compadre pobre. Um belo dia quando ele foi para a cidade encontrou com o compadre pobre vestido com uma roupa melhorzinha e fazendo uma feira bem grande. Aí ele perguntou para o compadre pobre:

- Compadre pobre porque o senhor nunca mais foi lá em casa. O senhor sumiu. Tá com roupas novas... E essa feira onde o senhor arrumou tanto dinheiro.

- A compadre me desculpe mais eu não posso lhe dizer.

- Me diga compadre que eu não falo pra ninguém. O compadre rico insistiu tanto, mas tanto que o compadre pobre terminou lhe contando a história toda, dos homens, da pedra. E o compadre rico ouviu tudo com muita atenção e no final perguntou:

- Compadre pobre como era mesmo a frase que eles diziam?

- Abre-te pedra cristalina.

O compadre rico ouviu tudo decidido a ir até aquele lugar e assim foi, só que antes ele

preparou três cavalos colocou caças nos bichos vestiu-se com roupas cheias de bolsos e foi.

Chegando lá esperou os homens saírem de dentro da pedra, deu um tempo para que eles se afastassem, entrou na pedra e encheu seus três cavalos, seus bolsos e foi embora.

O compadre rico chegou à casa descarregou os bichos, esvaziou os bolsos e disse:

- Amanhã volto lá com os bichos e pego mais dinheiro, afinal é sempre bom ter mais.

E assim foi no outro dia o compadre chegou lá na pedra mandou a pedra se abri:

- Abre-te pedra cristalina!

A pedra se abriu ele fez a mesma coisa do outro dia. Encheu os bichos, encheu os bolsos e foi embora, só que quando ele chegou diante da pedra esquece a frase e ele dizia:

- Abre-te pedra... Abre-te pedra... Abre-te pedra da gota, abre-te pedra da peste, abre-te pedra da bexiga, abre-te...

De repente o compadre escutou barulhos de cavalos e de homens. Ele escondeu-se atrás de uma pedra, tentou esconder seus bichos. Quando os homens chegaram foram direto onde eles guardavam seus tesouros, olharam e um deles disse:

- parece que estão nos roubando. O nosso dinheiro está sendo roubado, não é de hoje e é muito dinheiro.

- é verdade.

O cavalo nesse exato momento relinchou. Os homens se olharam.

- Eita! E parece que o nosso ladrão ainda está aqui dentro. Vamos procurá-lo.

Todos os homens começaram a procurar e rapidamente acharam o compadre rico e perguntaram:

- Quem é você? O que está fazendo aqui?

- eu sou o compadre rico. É que meu compadre pobre me contou dessa pedra e eu vim pegar um dinheiro.

- E onde mora esse compadre pobre?

- Eu não sei. Depois que ele pegou o dinheiro ele se mudou. E eu só encontrei com ele uma vez foi quando ele me contou essa história.

- essa não é a primeira vez que você vem pra cá, é ou, não é?

- essa é a segunda vez.

- achou pouco roubar a primeira vez e voltou outra vez?! Pois você vai aprender agora para deixar de ser invejoso, uzureto e ambicioso.

Antes que o compadre rico falasse. Os homens deram uma surra no homem, esquartejaram-no e arrancaram a sua cabeça e penduraram lado de fora da pedra. E todas as vezes que eles passavam diziam:

- Ainda está aí compadre rico? Não quer mais um dinheiro não? Tem mais aqui dentro vem buscar mais.

Os homens caíam na gargalhada e entravam mais uma vez para a pedra encantada. A pedra cristalina.

**FIM**

#### **4 - A CASA MAL-ASSOMBRADA – CONTO**

Adaptação: Bethe Miranda

História contada por sua mãe Valdeci Honório Apolônio Miranda.

Dizem por aí, que em casa mal-assombrada ninguém consegue dormir, nem ser feliz, nem mesmo viver em paz, pois os espíritos moradores das casas mal assombradas perturbam tanto as pessoas até elas não aguentarem mais e abandonar a casa. Não é uma luta fácil travada entre os vivos e os mortos.

Pois bem, 6me contaram um dia essa história, aliás, me contara várias vezes, e por isso assim, me contaram assim vos contarei.

Essa é a história de uma menina, chamada Ritinha, uma das filhas mais velha de uma família de nove filhos.

Essa família morava em um grande sítio, todos os filhos ajudavam na roça, todos trabalhavam o dia todo. E quando chegava mais ou menos às cinco horas da tarde, todos voltavam para casa, para jantar e dormir. Pois naquela época não havia luz e todos dormiam cedo para poder acordar nos primeiros raios de sol para ir trabalhar na roça. E assim era a vida dessa família.

Um belo dia o pai dos meninos, comprou um grande sítio com uma grande casa que na verdade não era casa, era um chalé, uma grande casa com cozinha, uns cinco quartos, sala grande, pois antigamente as casas tinham que ter grandes salas de jantar e grandes salas de estar, para receber as pessoas, as cozinhas também era enormes. Essa família então foi morar nessa casa, ela era bem afastada das outras da redondeza e a asa já tinha uma fama muito ruim, diziam que ela era mal-assombrada, mas o país dos meninos não acreditava em mal assombro e comprou a casa assim mesmo.

Assim que foram morar na casa, era tudo normal como em todas as outras casas, não se ouviu nada, não se viu nada.

O tempo foi passando e na nova casa a Ritinha começou a ouvir barulhos, ouvir vozes, ouvir passos, rangidos de portas. Toda noite tinha algo diferente, havia noite que parecia que tinha várias pessoas na casa, andando e pisando forte no chão, eles arrastavam os tamboretos da cozinha, de um lado para o outro, mexiam nas colheres derrubavam no chão, mexia nas panelas, parecia que estavam derrubando a cozinha, abriam e fechavam as portas dos armários com muita força, isso era a noite toda. Ritinha do seu quarto ouvia tudo e pensava que no dia seguinte toda aquela bagunça estaria lá. Antes mesmo de sair do quarto ela perguntava a seus irmãos se eles tinham escutado e nada, ninguém havia escutado somente ela. Ela insistia:

- tinha gente sim, na cozinha eu ouvi tudo, mexendo nas panelas, arrastando o tamborete, mexendo nos talheres. Vocês vão ver quando a gente chegar à cozinha ta tudo destruído que eles fizeram.

Os irmãos de Ritinha começaram a acreditar nela e todos foram rapidamente para a cozinha para ver o estrago que “aquelas pessoas” tinham feito, porém quando chegaram lá não tinha nada, tudo estava do mesmo jeito que tinham deixado. Tudo arrumado, tudo em seus devidos lugares.

Ritinha não entendeu nada. A partir desse dia ela passou a ouvir todos os dias, e cada dia eles tomavam conta de mais um cômodo da casa, iam para a sala, o corredor, o quarto ao lado, banheiro, menos o quarto da mãe. Só a menina ouvia, ninguém mais, e ninguém acreditava no que ela dizia.

Sua mãe antes de morar na casa vivia muito bem com seu marido, mas parece quando foram morar lá, tudo era motivo de briga e como ela gostava muito dele e não entendia por que estavam brigando tanto, só fazia chorar, chorava, chorava, pensando em como melhorara aquela situação entre os dois.

Um dia quando a mãe de Ritinha estava na cozinha preparando a comida e chorando, todas as crianças haviam saído para a roça para ajudar o pai, ela havia ficado sozinha, pois bem, quando ela estava chorando começou a ouvir vozes e gargalhadas, a vozes pareciam zombar dela. Ela ficou assustada e procurou pela casa para ver se havia alguém por perto, mas não havia ninguém na casa, ela ficou assustada e cada vez mais os risos aumentavam. A mãe saiu de casa e foi na roça, para não ficar sozinha, todos os meninos estavam na plantação de café, pois era época de colheita, a mãe saiu da casa e sentia seu cabelo arrepiar, sentia que algo a perseguia, quando entrou nos cafezais começou a ouvir um som, parecia um bicho, como se fosse um cachorro, um lobo, ela se desesperou e saiu correndo, até que chegou aonde estavam seus filhos e seu marido. A voz sumiu. A mãe contou para todos o que

aconteceu. Todos ficaram assustados, depois dessa história da mãe.

Outra noite quando Ritinha dormia começou a ouvir as mesmas coisas, só que dessa vez a mãe também escutava, as duas acordaram todos os filhos e o marido, pois ainda assim não queriam acreditar na existência de fantasmas, até porque os sons que ouviam pareciam bem reais. Todos acordaram e o marido e os meninos já grandes de uns quinze, dezessete anos procuraram por toda a casa para ver se encontravam alguém, a mãe e Ritinha iam atrás dos homens, para ver com os próprios olhos. Bem, aquela noite ninguém conseguia dormir, quando eles procuravam na sala o barulho ia para a cozinha e quando iam para a cozinha eles iam para a sala.

Todo mundo ouviu, a mãe de repente começou a rezar, depois que rezou, tentou expulsar aquelas almas penadas:

- espíritos do mal, saiam dessa casa em nome de Deus, saiam dessa casa pelo sangue de Cristo. – ela repetia as rezas e essa oração o tempo todo e os filhos começaram a imitar a sua mãe.

O silêncio dominou o chalé. Depois se ouviu um baque na janela da sala, e um andar por cima das telhas da casa, cada vez mais rápido. Mais uma vez bateram na janela como se estivessem saindo da casa com muita raiva. Depois desse dia todas as noites quando voltavam da roça eles rezavam para afastar os espíritos de lá e por um ano eles sumiram da casa.

Um ano se passou e como não se ouviu mais nada, todos pararam de rezar e os sons foram voltando para a casa. Tudo se repetia. A mãe teve uma ideia:

- Vou chamar um padre para rezar aqui.

Chamou o padre e quando o padre foi celebrar a missa do lado de fora da casa, ele ouviu um barulho de uma criança que chorava o tempo todo, ele não estava conseguindo celebrar a missa, então disse:

- Por favor, acalmem aquela criança que eu não consigo celebrar a missa com esse chororô.

A mãe foi atrás da casa, procuraram e nada de encontrar, procuraram ao redor da casa, dentro da casa e nada. Todos entenderam que eram os espíritos, que não queriam sair da casa. O padre rezou, rezou, rezou, mas só por um mês eles se calaram.

A família decidiu então se mudar. Os espíritos venceram, a casa ficou para eles. A família voltou para a sua pequena casa antiga.

Quinze anos depois, ninguém mais morou na casa. Um dia alguns homens foram instalar energia naquela redondeza e pediu autorização para ficar na casa. O filho mais novo

daquela família era o administrador das terras e autorizou, sem contar nada para aqueles homens das histórias da casa. Eles trabalhavam de dia e voltavam para dormir a noite, colocaram redes, para dormir, e a noite enquanto dormiam as redes balançavam tanto, mas tanto que a cabeça de um deles bateu na parede que até sangrou, os outros não conseguiam dormir, um estava pensando que era o outro, que balançava a rede e reclamavam:

- Ô amigo, me deixa eu dormir que amanhã a gente trabalha logo cedo.

- Me deixa eu dormir digo eu. Você é que está balançando a minha rede.

Da rede eles levantaram parte do corpo e a luz dos candeeiros, eles viram que as redes se balançavam sozinhas. Os homens levantaram desesperados, pegaram suas coisas e foram dormir bem longe daquela casa e no meio do mato.

Contaram toda a história que aconteceu com eles para o filho mais novo daquela família, que ouviu atentamente e decidiu dar paz para aquela casa, paz para aqueles espíritos. Então chamou cinco homens que trabalhavam na roça com ele e mandou derrubar a casa, para ninguém mais fosse morar nela.

E até hoje as ruínas daquela casa está lá e todo mundo que passa lembra-se das histórias da casa mal-assombrada.

Assim, me contaram, assim, vos contei.

FIM

## **5- Bebedouro de muitas histórias**

A história que vou contar é uma história que se entrelaça. Onde as águas se encontram. E ninguém pode imaginar, Uma coisa tão forte.

A lagoa mundaú, na cidade de Maceió. É, é na cidade de Maceió mesmo. Muita gente não sabe, mas essa lagoa nasce lá em Garanhuns, uma cidade pequenininha do interior de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Maceió, alagoas.

Em Alagoas na cidade de Maceió, tem um bairro chamado Bebedouro, as margens da lagoa Mundaú. O bairro recebeu esse nome, porque servia de passagem quando nada existia. Só existia Bebedouro, o centro da cidade e o Jaraguá, três bairros mais antigos daqui desse lugar e nesse lugar, bebedouro, todos os viajantes dos passantes dos andantes, os cavalos paravam na beira de um rio bem pequenininho, bem fininho e bebiam água, e foi por esse motivo aquele lugar passou a ser conhecido e chamado como Bebedouro.

Um bairro nascido as margens de um rio.

Formou-se um bairro que era a coisa mais linda do mundo, criou-se uma praça, chamada de Lucena Maranhão, e na frente da praça, foram surgindo casas antigas com eiras e beiras e os homens mais ricos iam morar lá.

E lá tinham também grandes árvores: mangueiras, jaqueiras, cajueiros...

Era muita fartura e prosperidade da natureza e foram aparecendo outros moradores, comerciantes, sapateiros, barbeiros, pescadores, marisqueiras, aquelas mesmas que catavam sururu, e o bairro foi crescendo, crescendo e bebedouro foi se juntando com outros bairros e agora é a grande Maceió.

Pense num lugar lindo? É Bebedouro. É Maceió.

Mas acontece que como eu falei no começo, as histórias se encontram, as histórias se entrelaçam, uma menina da cidade de Garanhuns, filha de seu José e Dona Valdeci, tinha mais dois irmãos. Essa menina nasceu lá na beira de um açude, na verdade fizeram a menina, na beira de um açude mesmo, numa casa bem pertinho dele. Qualquer dia eu tiro uma foto para mostrar para vocês esse outro lugar. Mas enfim na hora da menina nascer ela foi pra Garanhuns que era o lugar que na época tinha maternidade e a maioria das crianças nasciam lá.

Enfim o tempo foi passando, passando e passando. E um dia a mãe da menina foi visitar Maceió e ela disse que sentiu naquela cidade uma emoção tão grande, tão grande e pensou em voz alta” um dia eu vou morar nesse lugar!”. E não demorou muito, eles venderam tudo o que tinham pegaram os cacarecos que sobravam, colocaram tudo em cima de um caminhão e foram pra Maceió, mas não foi no bairro do bebedouro não, foi outro bairro bem pertinho que se chamava de Chã da Jaqueira, esse nome surgiu porque o bairro foi criado ao redor de uma grande jaqueira e Chã porque é alto, como se fosse uma pequena montanha.

A menina ainda estudava e como não tinha vaga em nenhuma escola na jaqueira, a menina foi estudar no Bebedouro. A escola era um anexo da igreja de Santo Antônio em uma escola com 4 salas grudado 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séria como era chamada antigamente.

A menina se apaixonou por aquele lugar, o nome da menina se chamava Elisabete, ela descobriu pesquisando que o significado do seu nome vinha do hebraico e significava consagrada a Deus. Mas sua mãe lhe contou que pra escolher o nome dela tinha mais duas opções, Débora ou Priscila ou Elisabete e o escolhido foi Elisabete pra combinar com o irmão mais velho que se chamava Hércules e depois sua mãe lhe deu mais uma irmã e deu o nome de Heide, um nome suíço, que sua mãe escolheu por causa de um desenho que tinha

esse mesmo nome.

Mas voltando lá pra história de bebedouro...Amenina estudou por quatro anos na escola que se chamava Ginásio Santo Antônio, fez sua primeira comunhão na igreja, deu seu primeiro beijo na praça Lucena Maranhão, teve o seu primeiro amor, mas a menina não queria se casar, ela queria mesmo é voar e todo mundo naquela época se casava cedo e ela não queria isso pra ela. Ela queria aprender a dirigir, sempre sonhava dirigindo um fusquinha e subindo uma ladeira que pertence ao bairro chamado de ladeira do calmo, e em seu sonho quando ela estava no alto da ladeira o carro começava a descer e ela perdia o controle, e nesse momento a menina acordava do sonho.

Passaram-se os anos, e a menina saiu pelo mundo, aprendeu a dirigir, estudou muito a menina viajou para vários lugares, mas ficou um pedaço do coração da menina naquele lugar, até hoje uma parte da menina mora lá, em bebedouro

Acontece que um dia a menina, que agora é uma mulher, soube de uma notícia muito triste, aquele bairro, Bebedouro, além de toda sua riqueza histórica, havia muita riqueza embaixo da terra, a riqueza embaixo da terra não era ouro, nem esmeraldas era sal-gema, e uma grande empresa instalada há anos no bairro, ficou anos retirando suas riquezas das profundezas das terras.

E por isso atualmente o bairro todo e alguns bairros vizinhos estão afundando. É muita tristeza. O povo todo tá saindo de lá. As casas estão afundando. O bairro está abandonado. Parece uma cidade que teve uma guerra. Um bairro desolado. A igreja vai ser derrubada. A praça onde aconteciam as procissões e as festas do santo e os folguedos se apresentavam lá, o coco de roda, o guerreiro e o pastoril também vai desaparecer.

Eu só sei que a menina não tem coragem de voltar para esse bairro para ver a igreja que ela fez a sua primeira comunhão, teve seu primeiro beijo no coreto da praça. Para a menina tudo o que ela viveu ali foi muito lindo e rico e ela vai levar pra toda a sua vida.

E vejam que é só uma história, mas naquele bairro, naquela praça, naquela igreja tiveram outras histórias, muitas histórias de outras e outras pessoas, milhares de histórias vividas por várias pessoas de várias épocas. São várias histórias que se entrelaçam e se cruzam no mesmo bairro, histórias que vem e que vão. E essa foi apenas uma simples história de uma menina que sonhava com mudanças e um futuro mágico.

FIM